

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

BIXO! MULHERES DE MEIA-IDADE NA UNIVERSIDADE
Estudo de caso sobre um lugar no curso de Pedagogia da UFRGS.

MIRIAM LUCI KRAMER DE MACEDO

PORTO ALEGRE
2º SEMESTRE
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

BIXO! MULHERES DE MEIA-IDADE NA UNIVERSIDADE
Estudo de caso sobre um lugar no curso de Pedagogia da UFRGS.

MIRIAM LUCI KRAMER DE MACEDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Professor Paulo Peixoto
Albuquerque

PORTO ALEGRE
2º SEMESTRE
2018

*“Aprendi com a primavera a deixar-me cortar
e voltar sempre inteira.”
(Cecília Meireles)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter sido a aprovada no vestibular. Dando-me força, foco e fé e que vem me acompanhando ao longo da minha vida.

Agradeço aos meus pais Valdevino e Valdemira que muito batalharam para proporcionar a mim e aos meus irmãos a melhor educação. Eles, apesar das dificuldades lutaram muito, para que nós nunca desistíssemos de estudar.

Aos meus queridos irmãos Mauro, Marcio e Marla, sobrinhos, tios, primos e amigos que entenderam a minha ausência, acompanharam a minha dedicação e torceram por mim.

Aos meus amados filhos Anderson e Thuane e ao meu neto André e a minha neta Alice que não mediram esforços para a realização do meu sonho.

Sou muito grata ao meu esposo Albertino Peixoto da Silveira, que me apoiou em todos os momentos, cuidou de mim e soube compreender quando eu não podia estar presente e me deu forças para vencer mais essa etapa da minha vida. Mas este infelizmente nos deixou em julho deste ano. Sinto muitas saudades.

Agradeço a todos os mestres do curso de Pedagogia que compartilharam seus conhecimentos em sala de aula e acompanharam a minha jornada como universitária e que me inspiraram e me constituíram como docente.

Sou grata especialmente à professora Aline Cunha que, durante dois anos, foi minha orientadora na bolsa do PIBID-EJA e que me incentivou para a realização de vários trabalhos acadêmicos. Agradeço sua disponibilidade, dedicação, humor, carinho e sensibilidade.

Agradeço aos professores Darli Colares e Paulo Albuquerque por me oportunizarem a participar da Ação de Extensão Escola da Terra e ao professor Rafael Arenhaldt, meu orientador do estágio, pela generosidade, paciência, carinho e disponibilidade.

Agradeço a todas as escolas públicas e privadas em que tive a oportunidade de estudar e de estagiar durante minha vida de estudante e graduanda. Obrigada por me proporcionar um ambiente saudável e de aprendizagem. Sou grata a todo

corpo docente e discente, à direção e à administração dessas instituições.

Quero agradecer a meus amigos de infância Mari Ângela e Carlos Alberto que sempre estiveram presente na minha vida em todos os momentos.

Agradeço principalmente aos meus queridos amigos, Débora Dartora, Clarice de Oliveira, Sandra Bez, Tamires Lemos, Andréia, Patrícia, Carine e Flávio Damiani que sempre estiveram ao meu lado. Aos meus colegas do Curso de Pedagogia por tornarem os cinco anos de graduação mais alegres. Esse TCC também é de todos vocês!

Impossível não falar do meu incrível orientador, Paulo Albuquerque, que admiro muito por ser um educador extremamente competente, inteligente e divertido e que realmente se importa com seus educandos.

Quero agradecer às professoras Carmen e Aline por terem aceitado ser da minha banca, admiro muito essas duas mulheres inspiradoras.

Agradeço as entrevistadas, minhas colegas de faculdade, pela acolhida e contribuição para este estudo.

RESUMO

Este trabalho de conclusão aborda a presença das mulheres de meia-idade no curso de Pedagogia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Com isso, busquei identificar nos relatos/depoimentos das acadêmicas que definem este período particular da formação inicial de professores, aprofundo, conceitual e empiricamente, discussões sobre o que é a pedagogia (formação docente) e que tipo de educação é esta? Que Universidade é esta? Quem são estas mulheres? Partindo destes diálogos o caminho teórico-metodológico desenvolvido articula diferentes pensadores naquilo que eles têm de importante, porque provocam reflexões sobre o singular/plural, do particular/universal. Assim sendo, este trabalho está organizado da seguinte maneira: na sua primeira parte começa com a minha história, depois dialogo com alguns teóricos sobre como a experiência e a percepção social da meia-idade (o ser adulto) e como o contexto pode modelar lógicas e modos de pensar na sociedade e dos sujeitos sociais. Na terceira parte, apresento como minhas colegas entrevistadas percebem, entendem as coisas da vida e da educação.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres, Meia-Idade, Pedagogia, Universidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
Prolegômenos ou Quem conta um conto aumenta um ponto?.....	8
Capítulo I: Quem sou eu? No contexto uma problemática se define.....	12
1.1. E um problema de pesquisa se apresentou.....	19
Capítulo II MARCO REFERENCIAL.....	21
2.1. Entendendo a Meia-Idade.....	21
2.2. A Mulher de Meia-Idade.....	24
2.3. A mulher e o curso de Pedagogia.....	30
Capítulo III - Quando quem diz Meia-Idade diz Toda Idade!.....	34
3.1. No modo de se perceber... um estar no mundo.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES.....	57

INTRODUÇÃO

Prolegómenos ou Quem conta um conto aumenta um ponto?

*“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”.
(Hanna Arendt)*

Este trabalho se construiu como uma “colcha de retalhos” de histórias, pensamentos, reflexões, teorias, teóricos, ideias, depoimentos; trata-se do resultado de 5 (cinco) anos e meio de conhecimento e vivências proporcionados pelo trânsito no curso de Pedagogia da Universidade Pública.

O que me motivou na escolha do tema e do orientador?

Uma coisa está relacionada com a outra ou como diz o senso comum: “se as coisas estão emboladas é preciso ver a causa”. (Anônimo).

O que me fez escolher o meu orientador: eu nunca tive aula com ele. Foi pelos comentários dos colegas que eu fiquei conhecendo e gostei da pessoa que ele é.

Os alunos falavam das aulas dele com entusiasmo, com surpresa e eu achava o máximo sua estratégia de convidar pessoas para falarem sobre temas que depois eram refletidos e relacionados com as questões do fazer docente.

Assisti a três aulas ministradas por ele o que confirmou a impressão e, quando surgiu o convite (para integrar a proposta extensionista – Escola da Terra – a partir de dois colegas a Clarisse e o Flávio para participar aceitei) principalmente porque na coordenação do trabalho estavam os professores Paulo e Darli Colares da qual já havia sido aluna.

Foi fantástico participar e conhecer uma realidade diferente daquela ensinada

ou proposta em sala de aula; o projeto nos permitiu a vivência de três dias em Escolas Rurais o que possibilitou aprendermos muito, pois foi, não só enriquecedor, mas nos oportunizou conhecermos alunos de verdade, escolas de verdade e comunidades de verdade.

Foi muito importante esse movimento: sair da Faculdade de Educação que fica no centro urbano e atuar, ter uma prática docente que, entre outras coisas, levou informações e mostrou que a Universidade Pública deve e pode ser acessada por todos.

Os alunos ficaram interessados, pois eu, a Clarice e o Flávio somos alunos de meia-idade, e pudemos ter o prazer de nesses dias atendermos desde o maternal até turmas do Ensino Médio. Foram 3 dias diferenciados: choveu nos três dias, mas isto não impediu que houvesse aproveitamento da proposta. Meu colega Flavio Damiani levava a mim e a Clarice Oliveira; saíamos de Porto Alegre às 6h da manhã para estarmos lá às 8h e só saíamos da escola às 18h. Almoçávamos com os alunos e professores. Foi muito bom!

A partir dessa experiência e conhecendo o professor, apresentei-o a uma colega que queria que ele fosse sua banca. Além disso, no intervalo, ele ficava conosco conversando, ou seja, a fronteira da sala de aula mostrava sua porosidade, pois Sociologia não se faz apenas em sala de aula e o pensar os fenômenos sociais exigem e necessitam de chaves decodificadoras que se afirmam com a experiência do fazer. Ele não foi o único sociólogo da faculdade. O primeiro seminário e a Sociologia I fiz com o professor Gandhin. Com ele aprendi os teóricos e a dar visibilidade às pessoas invisíveis da sociedade, mas minha escolha se deu por outro motivo. Certo dia, pedi que meu orientador me explicasse um texto de Filosofia sobre Anna Arendt. Em três tópicos ele me sintetizou o que o texto queria dizer, eu teria que explicar em aula, e não estava entendendo (eu já havia lido o texto três vezes) ,mas em meia hora, ele discorreu sobre o que o texto queria dizer .Achei fantástico!

No quinto semestre decidi o que eu faria no TCC: seria sobre as minhas colegas de meia-idade que, como eu, já tinham uma caminhada de vida, mas que estavam recomeçando seus estudos.

Tal decisão derivou das leituras de Paulo Freire (1991) que nos mostra que “sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr a nossa força a serviço de nossos sonhos”. (FREIRE apud GADOTTI 1991, p126).

O tema foi se delineando na medida em que identifiquei nele a possibilidade de mostrar que o papel das escolas e das universidades só tem sentido quando permite a construção de homens e mulheres capazes de assumirem uma cidadania ativa e não serem apenas instrumento de reprodução, ou seja, orientadas para a manutenção das estruturas sociais vigentes que impeçam a transformação social.

Foi, então, que o tema adquiriu consistência. Resolvi que queria falar das mulheres de meia-idade negras, brancas, índias, mulheres de todas as cores empoderadas e guerreiras que estudam aqui na Universidade Pública e no curso de Pedagogia.

Assim, meu orientador aceitou o desafio de me ajudar a *refletir sobre os mecanismos e como as relações sociais propostas por uma instituição de ensino são percebidas pelas alunas que, por terem mais idade e trajetórias diferenciadas, percebem este lugar de formação.*

Os fatores motivacionais para este tema não resultaram apenas de minha percepção individual, mas também foram provocados nas aulas de Sociologia II com a professora Carmem. Os assuntos/temas foram discutidos pelo grupo e por algumas mulheres convidadas.

Os debates, sempre acalorados, pegavam mais força quando, na sala da docência compartilhada, havia reunião com a orientadora no PIBID EJA a professora Aline balizava os temas com orientação e firmeza abrindo possibilidades para repensarmos a nossa formação e a dos alunos da EJA. Assim, como ela, mediava os palestrantes do Seminário de Formação: Mulheres a Prisão e Rua onde os temas eram em relação às mulheres encarceradas, com debates muito proveitosos.

Mais uma vez eu disse: Mas bah! Com estes elementos poderei dar mais sentido ao memorial que fiz na aula de História, no primeiro semestre com a professora Dóris. Nele, além da minha história de vida estava registrado também o

meu trajeto escolar e um pouco de tudo. Poderei usar tudo que vivenciei: que legal!

Nesse momento, foi sugerido que na “justificativa” do meu tema fossem apresentados esses elementos motivadores da escolha.

Assim sendo, este trabalho está organizado da seguinte maneira: na sua primeira parte conto a minha história, depois tento dialogar com alguns teóricos sobre como a experiência e a percepção social da meia-idade (o ser adulto) e também o contexto podem modelar lógicas e modos de pensar dos sujeitos sociais. Na terceira parte, apresento como minhas colegas mulheres de meia-idade percebem, entendem as coisas da vida e da educação.

Capítulo I: Quem sou eu? No contexto uma problemática se define...

*“Não vou aceitar as coisas que não posso mudar.
Vou mudar as coisas que não posso aceitar”.*
(Angela Davis)

O dicionário diz que Subjetividade se caracteriza como algo que **varia de acordo com o julgamento de cada pessoa**, consistindo num tema que cada indivíduo pode interpretar da sua maneira.

Minha história não é só minha história. Ela é a história das mulheres que voltam a estudar; pode variar de acordo com os sentimentos e hábitos de cada uma, é uma reação e uma opinião individual. Pode, para alguns, não ser passivo de discussão, uma vez que cada um atribui um determinado valor para uma coisa específica.

Entendo que a história de cada uma pode e deve ser explicitada, pois ela é formada por meio das crenças e valores do indivíduo, com suas experiências. E histórias de vida.

Partindo desta afirmação, apresento-me como filha, irmã, tia, sobrinha, neta, mãe, avó, amiga e mulher de meia-idade, entre outras coisas, um modo de ver o mundo.

Um modo de ver o mundo que não pode estar divorciado daquilo que sou.

Hoje, tenho 55 anos de idade e já passei por muitas coisas na minha vida, mas foi à vida escolar a mais marcante¹, por isso este trabalho fala da minha vida escolar e acadêmica, assim como de minhas colegas de curso.

Desde que entrei na escola, no jardim de infância com 7 anos de idade, o

¹.Ao final deste trabalho podem ler meu memorial; ele fala do meu passado.

ambiente escolar sempre me fascinou. Gosto de estudar. Gosto de ler, mas, por motivos pessoais, não pude terminar, concluir minha educação escolar na idade dita “certa”. Minha mãe sempre dizia que eu era uma aluna esforçada. Nunca reprovei. Minha vida escolar até o primeiro ano de Ensino Médio foi tranquila, complicou depois. Após terminar o Ensino Médio fui trabalhar.

Eu tinha 24 anos quando cursava Licenciatura em Ciências e Matemática, na PUC/RS. Conheci meu marido, namorei, noivei e casei em um ano e meio e tive um filho prematuro de seis meses.

Por problemas financeiros, me vi obrigada a trancar a faculdade, tive que parar de estudar para cuidar da minha nova família também. O tempo foi passando, mas a vontade de estudar e fazer uma faculdade nunca saiu de mim, continuei sonhando.

O tempo foi passando. Após três anos de casada, tive uma filha chamada Thuane. Minha vida não foi apenas em casa, precisei continuar trabalhando para ajudar meu marido a sustentar a casa, então, o sonho de voltar a estudar ficou adormecido novamente. Passado algum tempo, fiz uma aposta comigo mesma que, quando a minha filha completasse 21 anos, eu voltaria a estudar, mas ninguém acreditava que eu já bem mais “velha” iria retornar aos estudos. Meu filho Anderson entrou para a Universidade em 2011, estava feliz, iria cursar Engenharia Metalúrgica na UFRGS e eu também fiquei feliz por ele.

No dia do aniversário de 21 anos da minha filha Thuane, em abril de 2011, com toda a família reunida, falei que voltaria a estudar, e todos riram muito da minha decisão. Eu ainda salientei que iria me formar antes dos meus filhos e sobrinhos que estavam tentando fazer o vestibular, e acrescentei que iria passar na UFRGS e que iria fazer Pedagogia, e assim eu fiz.

Antes de entrar na Universidade, resolvi fazer o magistério no Instituto de Educação General Flores da Cunha, pois lá há um curso que se chama AE (Aproveitamento de Estudos, que exige o Ensino Médio). Como eu já tinha o Ensino Médio completo, durante dois anos e meio concluí o Magistério.

Minha formatura foi no primeiro semestre de 2013. Naquele ano houve o

concurso para o Magistério Estadual do RGS. Passei e estou até hoje esperando ser chamada, mas infelizmente me informaram que caducou. Resolvi então estudar em casa com os polígrafos dos cursinhos que os filhos e sobrinhos estavam fazendo e me inscrevi para o vestibular de 2014, para o curso de Pedagogia na UFRGS.

No dia em que saiu a lista dos Bixos, eu estava em casa quando meus irmãos ligaram da praia me congratulando por eu ter passado no vestibular. Muitas vezes confiamos, mas desconfiamos de nós mesmos, quando os resultados são favoráveis a nós, Fiquei muito feliz! Eu estava em casa cuidando de meu marido que havia sofrido um infarto. O penúltimo dia de prova foi muito surreal. Meu marido se sentiu mal, levei-o para o Hospital de Cardiologia, e no mesmo dia ele pôs duas pontes de safena. Fiquei no hospital até à 1h da manhã e, quando ele estava fora de perigo, fui embora. Cheguei em casa cansada, não dormi, fiz um café bem forte, tomei, liguei a televisão e fiquei acordada até a hora de ir fazer a última prova. Chovia torrencialmente mas mesmo assim eu fui.

Eu queria muito passar nesse vestibular. Qual não foi a surpresa geral: eu passei no vestibular. Saí para comemorar com meus filhos e meus pais. Agora eu era um “Bixo”, fiquei muito feliz, eu sorria por dentro e por fora, eu iria começar a estudar no segundo semestre de 2014. Esta palavra “Bixo” sempre me chamou a atenção pela grafia ser com “x”, pois na juventude também usávamos a palavra bicho como gíria. Era a época da Jovem Guarda. Por que será que os calouros são designados como Bixo, escrito com “x”. Resolvi ir atrás do significado².

Por isso, o título deste trabalho começa com esta palavra, visto que para mim ela tem um significado importante. Significa e diz de uma conquista, pois conquistei ser “bixo” por nunca ter desistido dos meus sonhos, assim como as mulheres de meia-idade minhas colegas.

Como metáfora, os bichos e, em especial os lobos³, dizem mais do que

² De acordo com o dicionário informal, “Diz-se daquele que acabou de passar no vestibular. O correto é “bicho” com CH, porém, nesse caso, os estudantes veteranos costumam usar o X para facilitar a pintura na testa do aprovado.

³ O livro “Mulheres que correm com lobos”, da escritora e psicanalista Junquiana Clarissa Pinkola Estés, foi muito especial para mim, pois me ajudou muito quando eu estava, em 2000 me divorciando.

aparentam.

"Os lobos saudáveis e as mulheres saudáveis têm certas características psíquicas em comum: percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Têm experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação feroz e extrema coragem." ESTÉS (1999, p.16).

Como há pouco falamos, nossa natureza de “bicho” fica obliterada. E mais ainda quando se fala da natureza instintiva das mulheres que é selvagem por natureza, mas é domada, é treinada desde a infância para obedecermos e sermos dóceis, maternas e matrimoniais e familiares. Desta forma, vamos nos desconectando de nossos instintos e nos sentimos incapazes de decidir, de escolher o que queremos fazer de nossas próprias vidas.

Entretanto, “o saber da experiência e a experiência de saber” (Jorge Larrosa, 2002) me fizeram refletir e a escrever sobre as mulheres de meia-idade, pois estamos no momento do florescer das nossas capacidades.

“Devemos entender também que todos estes condicionamentos estão interligados e que sendo uns mais influentes que os outros, todos atuam na formação da personalidade, e claro, no destino de uma mulher.” (LIMA 2007, p.69),

Continuando com minha divagação, não perdendo o fio da meada, voltemos a minha narrativa/caminhada.

Quando cheguei à Universidade, no primeiro dia de matrícula, na sala 102 da FACED, no segundo semestre de 2014, fomos recepcionados pelo pessoal do DAFE e por alguns veteranos.

Eu estava aguardando para entrar na sala, assim como mais alguns colegas, e se aproximaram de mim duas meninas com tintas na mão para pintar os “bixos”.

Pois bem! Uma delas chegou e perguntou para mim:

A Senhora está esperando sua filha ou seu filho fazer a matrícula?

Eu disse: - Não, minhas queridas, estou aguardando para fazer a minha matrícula.

As duas se olharam surpresas. Então eu disse:

Podem me pintar que eu quero sair daqui pintada, e sorri.

E elas me pintaram. Saí bem faceira com o rosto pintado, peguei o ônibus para ir para casa. As pessoas me olhavam com certa estranheza e eu sorria.

O normal é verem jovens pintados não uma senhora de meia-idade. Cheguei em casa e fui recepcionada pela minha família e pelo meu pai que mandou fazer uma faixa para mim. Eu não cabia de tanta felicidade, orgulho e muitas ideias na cabeça.

Nos primeiros dias de aula, observei que a sala estava cheia e havia algumas alunas que tinham a minha idade. Duas eram mais velhas do que eu, e os demais alunos eram jovens. Fomos todos convidados a participar do trote dos calouros.

Os trotes, de algumas atividades, eu e algumas colegas não pudemos participar. Era a “brincadeira do elefantinho”. Para nós, mais velhas, era desumano, ficamos vendo os jovens percorrerem os pátios da Universidade gritando. Fiquei imaginando que, se eu participasse, no outro dia ficaria de cama com dor no ciático.

Ninguém pensou em nós. Achei que a Faculdade de Educação pensasse na diversidade como um todo, para que todos participassem do trote e de outras atividades.

O tempo foi passando e, durante minha graduação, fui participando de alguns eventos. A fim de possuir experiência, precisava ter horas complementares, mas eu também queria vivenciar ao máximo minha graduação.

Com o tempo fui participando de muitas atividades, dentre elas: Salão de Ensino da UFRGS, monitoria nas Portas Abertas, palestras, PIBID-EJA por dois anos, eventos em outros estados apresentando trabalhos sobre a EJA como o VI ENALIC (Curitiba/PR) com a orientação da professora Aline que, nos acompanhou, e assisti as apresentações, em que pude conhecer de perto António Nóvoa e suas ideias. Ele fez a palestra de encerramento do evento, e ao final, tirei foto com ele uma pessoa simples e muito querida.

Particpei do 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11 (Florianópolis/SC). onde apresentamos um trabalho desenvolvido na EJA ,sobre a história de mulheres ,também acompanhada pela professora Aline .Eu e mais duas colegas fomos com ela e seu marido de carro ,comendo balas pelo caminho.

Ação de extensão Escola da Terra/UFRGS (Assentamento MST-Nova Santa Rita/RS), que já falei anteriormente, MAIS EDUCAÇÃO na escola E.E.F. Duque de Caxias durante dois anos (Reforço de Matemática e aulas de Artes).

Além disso, sou inscrita na Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social - Programa Gaúcho do Artesanato. Sou artesã há mais de trinta anos e participei de várias feiras, o que me possibilitava pagar as contas e me dar ao luxo de estudar no turno da manhã, um privilégio para poucos, além de ser aluna PRAE.

Fiz também alguns cursos EAD em outras Instituições, para que meu currículo estivesse de acordo com a minha futura profissão, a de ser professora e educadora.

Durante a minha caminhada como universitária surgiram muitas questões e muitas tinham temáticas específicas, mas nenhuma foi tão valorizada quanto aquela que levava em conta o papel da mulher na sociedade.

Por isso, cada vez mais o tema se impunha, me interpelava. Por que não falar das mulheres de meia-idade dentro da Universidade no curso de Pedagogia ⁴

se, assim como eu, existem muitas de meia-idade que estão voltando a estudar?

O que as levou a voltarem a estudar? Qual o caminho percorrido até aqui? Qual a sua raça ou etnia? Quantos anos têm? Estado civil? Qual a sua religião? Qual sua orientação sexual? Têm filhos? Que pessoa foi ou é o seu apoio psicológico em casa? Por que a Pedagogia como curso? Como se sente dentro da Faculdade? Seus professores a respeitam? Seus colegas a respeitam? A Instituição a respeita?

Nessas perguntas se insinuou uma hipótese de trabalho:

Se a Universidade/Faculdade de educação fala/prega e estuda inclusão, diversidade, gênero, etc., então, não materializa essas políticas com a sua comunidade acadêmica tem tudo a ver com sua proposta didática: “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”.

As disciplinas da Faculdade de educação possuem múltiplas perspectivas teóricas, abordagens diferenciadas e por área; dá ênfase à educação infantil, aos povos indígenas, aos negros, às pessoas com deficiência, à terceira idade e à EJA, mas não existe nenhuma preocupação com os sujeitos de meia-idade como eu e alguns colegas não só mulheres, mas homens também.

A título de provocação dizia (e ainda digo) que alguns de nós fazem parte da “EJA” da Universidade e não sabíamos, apenas com uma diferença: somos alfabetizados e letrados.

Quando somos jovens não pensamos na velhice. Conheço muitos idosos que possuem a mente jovem, mas o corpo, não ajuda mais, o que é uma grande lástima.

⁴ De todo o colegiado há apenas um professor, Johannes Doll, que tem por temática e área de atuação o idoso na Faculdade de Educação.

1.1. E um problema de pesquisa se apresentou...

Com o passar do tempo, dentro da Universidade, pude perceber uma grande carência sobre este assunto, pois não existe uma discussão sobre o tema “meia-idade”. É como se as pessoas que fazem parte dessa geração fossem esquecidas. A sua experiência de vida não é levada em consideração, pois já estão beirando a terceira idade e para esta já temos diversos estudos.

Um dia, no intervalo, estávamos falando sobre assuntos variados e uma colega comentou que para nós da meia-idade nem vacina tem, isto é, sempre tem quando há sobra de doses ao final das campanhas de vacinação.

Então aquilo que era apenas um tema de conversa ou discussão, passou a ser tema de pesquisa. O modo como algumas colegas, mais jovens, percebiam outras colegas com mais idade me deram a ideia de falar sobre esta gama de mulheres que estão nesta fase da vida, e que passam por milhões de situações, mas que se tornam invisíveis perante a sociedade.

A partir das trocas diárias com minhas colegas, fui aos poucos encontrando subsídios para fundamentar minhas pesquisas em relação ao assunto.

Assim, no quinto semestre, conversei com o meu orientador e perguntei a ele sobre a necessidade de falarmos sobre o tema, um assunto que a princípio nunca havia sido falado e ele me deu o maior apoio.

Sem fazer um estado da arte exaustivo se percebe que sobre a terceira idade existem vários trabalhos, sobre a meia-idade não. Ao ler uma reportagem na Revista Isto É, edição nº 2550 01/11, de 07 de março de 2014, intitulada “Os novos 50 anos”, tive mais certeza de que seria sobre este tema que eu iria falar no meu TCC, pois, de acordo com esta reportagem, “Eles mudam de profissão, começam outra faculdade, se divorciam, casam novamente”. Conheça a nova geração de cinquentões que, em ótima forma, é protagonista de uma das maiores mudanças de comportamento do nosso tempo.

Conforme a revista “A projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é que neste ano o País tenha cerca de 21,6 % de sua população com mais de 50 anos, o equivalente a cerca de 44 milhões de pessoas. Em 30 anos, esse número vai representar 40% dos brasileiros. Essa revolução em curso, portanto, deve ganhar mais adeptos e enfraquecer os limites de conceitos como “meia-idade”.

Desta forma aquilo que começou como conversa de corredor e intervalo se transformou em busca de informação mais qualificada e menos superficial que a leitura jornalística de um segmento da população.

Para mim, a porta da universidade/faculdade estava/foi aberta, mas só deixava passar meia pessoa de cada vez. Assim não era possível a quem tem meia-idade entrar em toda a sua plenitude, porque a meia pessoa que entra só traz o perfil de meia verdade. E sua segunda metade nem sempre é aceita e fica igualmente de fora e com meio perfil. Quem perde é a universidade, pois os meios perfis não coincidiam. Assim como a música Metade de Osvaldo Montenegro.

O reconhecimento das mulheres de meia-idade tem modos de pensar e ser diferentes do comum das colegas. A Universidade as obriga ter estratégias que promovam o seu desenvolvimento expandindo a capacidade de aprender em qualquer ambiente de aprendizagem. Fica então evidente a tensão em sala de aula e com os professores que a relação entre o estilo de vida e o desenvolvimento de hábitos e estratégias de aprendizagem está/são reguladas pelos contextos, ficando patente que qualquer um destes processos se inicia primeiro na sala de aula, depois no ambiente da faculdade, matriz da aprendizagem humana, onde o indivíduo desenvolve a sua identidade, adquirindo os padrões de comportamento fundamentais para o seu desempenho em sociedade.

Por isso, assim como o problema se explicitou, explicitou-se também que no meu relato...

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.”

(Cora Coralina)

CAPÍTULO II – MARCO REFERENCIAL

*“Reserve o direito de pensar,
mesmo se você estiver errado,
é melhor do que não pensar em nada.”
(Hypatia de Alexandria-355 d.C.)*

A experiência de construir, problematizar um determinado tema tem, neste caso, um duplo caráter: reconhecer e desconsiderar que determinados conceitos apreendidos durante o curso, nas aulas servem para confrontar, decifrar aquilo que frequentemente vivenciamos, sentimos diante de uma lógica social que desconsidera as mulheres de meia-idade como lugar de construção de um sujeito social.

2.1. Entendendo a Meia-Idade

De acordo com alguns teóricos, a meia-idade é uma temática muito recente e pouco explorada, assim como escassa a produção acadêmica, se constituindo como uma lacuna em diversos estudos nos diferentes campos de conhecimento.

Em contrapartida foi possível constatar um crescente interesse pelos estudos em relação ao envelhecimento, já existindo algumas disciplinas em outras áreas e na Pedagogia também que, a estudam como a gerontologia educacional.

Na realidade existe uma tênue pesquisa sobre este momento da meia-idade, dando um enfoque apenas pela idade cronológica.

Para isso tentei buscar cientistas e pesquisadores nos campos das Ciências Humanas e Sociais, e encontrei algumas pesquisas na área de Educação Física também. Esses autores irão contribuir com seus estudos para que possamos entender melhor esta fase da vida.

Tais autores trouxeram contribuições, ao mesmo tempo em que apresentaram certo consenso no que se refere à escassez de referenciais teóricos para dar suporte a estudos com adultos em geral, incluindo pessoas na meia-idade.

Na Sociologia, Sousa (2008, p. 3) argumenta que não há uma “estrutura teórica organizada sobre o estudo social da adultez”. Em contrapartida é mais fácil encontrar uma extensa bibliografia sobre os temas infância, adolescência, juventude e idoso.

Conforme Barros (1998), até 1960 praticamente não havia um estudo sociológico importante sobre o envelhecimento. A literatura sobre o assunto estava relacionada às áreas da Medicina e da Biologia. No que tange à temática da idade adulta, consta que, mesmo pouco, ela tem despertado mais interesse a partir da década de 1990 (Sousa, 2008).

De acordo com Oliveira (2004, p. 9), a Psicologia não tem sido capaz de formular, de modo satisfatório, uma Psicologia do Adulto, ainda que há algum tempo esteja problematizando essa fase da vida.

Já Gonçalves, Duarte e Santos (2001) e Duarte, Santos e Gonçalves (2002, p.37) afirmaram que “os estudos na área de educação física, relacionados à meia-idade, são incipientes”.

Para Santos e Knijnik (2006, p.24), “a meia-idade tem sido pouco abordada nos estudos (...), os quais têm dado muita ênfase à terceira idade”.

De acordo com Sousa (2008, p.3), o estudo da vida adulta encontra-se “inscrito numa bruma e na marginalidade porque exige um exercício de desconstrução para conceber o adulto fora da sua “normalidade” ou mesmo de sua “banalidade”.

Estudar a meia-idade, nesse sentido, implica questionar antigas certezas que afirmam esse momento da vida como uma idade sem problemas, marcada pela estabilidade familiar, profissional e financeira, a partir de um conceito estático e linear.

A classificação etária proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) considera de meia-idade pessoas entre 45 a 59 anos de idade.

Mesmo assim, Magro (2003, p.45) alerta que, apesar das dificuldades em cercar essa pluralidade, “a periodização da vida não deve ser negada ou relativizada, tendo em vista a importância dessa divisão de grupos de idade na organização da sociedade em que vivemos. A compreensão da relação entre grupos de idade e a constituição da identidade etária pode ser um “material privilegiado” para uma reflexão da produção e reprodução da vida social.”

Para Veiga-Neto (2000, p. 228), a atribuição de uma idade a um indivíduo está – sempre e necessariamente, presa à materialidade do corpo: ao conjunto indissociável das características e propriedades de um corpo de carne e osso, de um corpo biológico que tem a sua genética própria e única, que teve e que terá a sua história própria e única, que se inseriu em tais ou quais práticas.

No que diz respeito à nossa sociedade ocidental moderna, Gusmão (2003, p.25) afirma que vivemos em uma ordem social “adultocêntrica”, que menospreza a criança e o jovem porque ainda não são adultos e o velho porque deixou de sê-lo. Pauta-se na ideia de que um dos valores em voga é a produtividade e é o adulto que a detém; portanto, essa é a fase da vida que interessa ao capital mais diretamente.

Antunes e Schneider (2007, p.80) realizaram uma pesquisa com mulheres a partir de 45 anos, sendo a maioria da profissão “do lar”, e identificaram uma relação diferente delas com o trabalho. Segundo as pesquisadas, na meia-idade a mulher volta seu olhar para si, “uma vez que as situações com família e trabalho – que se configuram como as que mais demandam atenção antes disso -, parecem estar mais resolvidas com os filhos já crescidos e a aposentadoria mais próxima”. Além disso, ocorrem mudanças de um conjunto de fatores biopsicossociais que interferem nas diferentes esferas da vida conforme a história de cada uma.

Jorge (2005) caracteriza a meia-idade, por um lado, pela perda da energia física e da capacidade de locomoção, cansaço, fadiga, diminuição da força e falta de condicionamento físico. Por outro, ganhos como aumento de conhecimentos, experiência de vida e aprendizagem que acompanharão essa pessoa em sua

velhice.

De acordo com Corazza (2005, p. 21), a espiritualidade ganha importância na meia-idade. Especialmente para as mulheres, é “a fase da consciência, da consolidação de nosso lugar no mundo. É comum nessa fase abandonarmos os valores aceitos por adequação social e elegermos nossos próprios valores”. A meia-idade, assim, se coloca como uma fase de pensar e repensar a vida, o que foi feito, a que foram dedicados os anos vividos até então.

2.2. A Mulher de Meia-Idade

Historicamente falando, a meia-idade é um termo relativamente novo na vida de cada pessoa. De acordo com NERI (1995), este apareceu pela primeira vez no final da década de 1950, quando alguns países como a Alemanha, a França e os Estados Unidos estiveram às voltas com mudanças populacionais que já chamavam a atenção para o envelhecimento da população.

Fatores como a diminuição da taxa de mortalidade e o vazio populacional na faixa correspondente às baixas masculinas durante a II Guerra Mundial eram então apontados como sendo as possíveis causas para esse envelhecimento populacional.

Além disso, eram os tempos da guerra fria, em que conflitos ideológicos, políticos e econômicos entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética culminaram com o lançamento do primeiro satélite artificial no espaço.

As primeiras respostas dadas estiveram centradas na reforma do sistema educacional norte-americano e no apelo feito aos psicólogos cognitivistas para que aprofundassem suas pesquisas para melhor compreensão e intervenção nas capacidades infantis. Com isso, foi reconduzido às universidades um contingente formado em sua maioria por mulheres na faixa dos quarenta anos. Este último fato criou para a Psicologia do Desenvolvimento o desafio de compreender as características dessa novíssima clientela que, logo em seguida, passou a ser

designada como de meia-idade, uma categoria etária até então inexistente na sociedade.

Com isso a meia-idade passou a ser um tempo que designa o período da vida do adulto em que ocorrem as mudanças, as transições. Entre elas podemos destacar,

“dificuldades no casamento e na educação dos filhos jovens e adolescentes, sensação de inutilidade, de vazio inexplicável, tédio em relação às coisas que eram estimulantes, temor de assuntos financeiros, cansaço e fadiga, depressão, reconhecimento da universalidade do envelhecimento, problemas de saúde. (White, 1987, apud MARTINS DE SÁ, 1996, p.33)“

Corresponde à época da realização plena do que foi preparado anteriormente; é a fase em que alcança o nível máximo de produção. A consciência da brevidade da vida permite o repensar das prioridades. A maturidade da meia-idade traz respeito e confiança por parte das demais pessoas, a experiência de vida constrói um banco de sabedoria pessoal insubstituível, o crescimento dos filhos permite que se aprenda com eles, numa relação de troca. Levinson denomina como “Estações da Vida” e este termo surgiu em 1978. O ponto de partida para ela foi um estudo transversal feito com quarenta executivos e profissionais liberais entre 35 e 45 anos. A teoria de Levinson é centrada na evolução do conceito de “estrutura de vida”. É dessa forma que NERI (1995, p. 36) chama nossa atenção para este conceito.

“As relações interpessoais (com pessoas, grupos, instituições, cultura, objetos ou lugares culturais) são o principal componente da estrutura de vida. Mediante essas relações as pessoas realizam seu *self*, papéis e expectativas; constituem o auto-conceito e a auto-estima e são reconhecidos como adultos. Sempre há relações centrais (no máximo duas, por exemplo casamento/ocupação) e outras periféricas, a partir das quais se define o curso de vida.”

Esse aumento na expectativa de vida das mulheres traz a necessidade de se pensar melhor a mulher de meia-idade. Vista sob o aspecto psicológico e social, esta mulher estará enfrentando as grandes mudanças sociais, que aparecem quando os filhos começam a deixar a casa, com a chegada da aposentadoria sua ou do marido,

com os pais já idosos que requerem cuidados, assim como os netos, além dos cabelos que a cada dia ficam mais brancos precisando de pintura com mais frequência e a força da gravidade sobre o corpo.

Existem muitas evidências de que as mulheres de meia-idade são tema de relevância e significado. Está explícito em dados estatísticos que as mulheres representam uma parcela significativa da população brasileira. Além disso, ela vivencia um processo que a leva a ressignificar papéis e reconstruir ou desconstruir sua identidade.

Esse processo traz desconforto, como todo período de transição, porque conduz a relações novas que podem incluir desde a imagem corporal até o papel da mulher, os sonhos possíveis de serem sonhados e os sonhos passíveis de serem realizados. Dar um sentido à existência, por si própria, pode ser algo devastador ou extremamente gratificante, e aqui entra a visão de mundo que cada uma construiu através dos anos da sua infância à adultez.

O engraçado é que a idade de forma diferente marca mais intensamente as faces femininas. Segundo Freedman (1994),

“Há uma mensagem insidiosa e confusa subjacente a este novo modelo de meia-idade. Você tem a permissão de envelhecer, mas não de parecer que envelhece, de viver, mas não de mudar” (FREEDMAN, 1994, p.211).

Tantos são os livros, autores e autoras importantes em nossas vidas... mas na minha, Simone de Beauvoir encontra um lugar especial. Ainda cedo, com vinte e quatro anos, eu li um livro que me ajudou a encarar o ser mulher, por meio dele muito mudou na minha vida pessoal, intelectual e profissional. Isso ocorreu por volta de 1987, o ano em que eu casei. Este livro “O Segundo Sexo”, é uma obra genial que foi lida por mim com curiosidade e perplexidade em uma época em que eu não podia sequer medir ou antecipar as consequências que viria a ter sobre meu corpo, meu espírito e minha mente.

O Segundo Sexo foi um livro memorável, para várias mulheres que me

antecederam e para aquelas que me sucederão. A própria constituição do campo de saber instituído sobre os “estudos de gênero” deve à Simone de Beauvoir boa parte de sua inspiração.

Fomos educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, mas extremamente machista, pois o prestígio viril está longe de se ter apagado, assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais.

Quando emprego a palavra “mulher” ou “feminino” não me refiro ao arquétipo, a essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender sobre o estado atual da educação e dos costumes da nossa sociedade. De acordo com Beauvoir (1949):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. BEAUVOIR. (1980, p.9)

Através dele é que Beauvoir vai se afirmar, de modo definitivo, como pensadora original e testemunha crítica de sua própria época; ela desafia preconceitos e trata de forma aberta e simples temáticas tabus, tais como: a sexualidade na infância, a menstruação, o erotismo, o desejo e a iniciação sexual, a religiosidade repressora, a cultura de dominância masculina e machista e a desqualificação cultural da feminilidade, o sexismo na literatura, o defloramento e a brutalidade masculina na relação sexual, a virgindade, o orgasmo, o lesbianismo, a dominação masculina no casamento tradicional, a prostituição, a velhice, o suicídio, entre muitos outros. Veja neste sentido a afirmação de Beauvoir:

“Nenhuma educação pode impedir a menina de tomar consciência de seu corpo e de sonhar com seu destino; quando muito poderão impor-lhe estritos recalques que pesarão mais tarde sobre toda a sua vida sexual. Fora desejável, isso sim, que lhe ensinassem ao contrário a aceitar-se sem complacência nem vergonha” (p.65) ainda nesta outra afirmação contundente:” Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à

coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que longe de libertar a matrona, ele a coloca na dependência dos maridos e dos filhos; é através dele que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial". (p.209)

Desta forma, Beauvoir também pode ser responsabilizada, ao se indagar se o sexo não seria gênero desde sempre, por promover a fertilidade de um campo de saber que multiplicou suas forças para tentar responder à pergunta clássica enunciada por Freud: o que quer uma mulher? Ao perceber, nas suas muitas nuances, a possibilidade de haver "igualdade na diferença" e também "diferenças na igualdade" Beauvoir antecipa, mais uma vez, o encaminhamento já hoje dado (mas nem sempre tão facilmente aceito e/ou refletido no seio das políticas feministas) por Boaventura de Santos Souza que resumiu: "Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam, temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza".

Assim, para este autor não há nada mais errôneo do que afirmar a transformação das mulheres em vítimas "abstratas e irrecuperáveis nas teias que a dominação sexual e a dominação de classe entre si tecem".

Segundo Clarissa Pinkola Estér (1992, p.21) "somos a mulher selvagem" do ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como pela tradição das contadoras de histórias, ela é a alma feminina. Ela é tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível quanto do oculto - ela é a base. Cada uma de nós recebe uma célula refulgente que contém todos os instintos e conhecimentos necessários para a nossa vida.

Ela é à força da vida-morte-vida; é a intuição, a vidência, é a que escuta com atenção e tem o coração leal. Ela estimula os humanos a continuarem a ser multilíngues: fluentes no linguajar dos sonhos, da paixão, da poesia. Ela deixa em seu rastro no terreno da alma da mulher um pelo grosseiro e pegadas lamacentas. Esses sinais enchem as mulheres de vontade de encontrá-la, libertá-la e amá-la. Ela é o cheiro da lama boa e a perna traseira da raposa. Ela é quem se enfurece diante da injustiça (p. 27).

É à procura dela que saímos de casa. É à procura dela que voltamos para casa. Ela é tudo que nos mantém vivas quando achamos que chegamos ao fim. Ela é a geradora de acordos e ideias pequenas e incipientes.

De acordo com Estér (1992), "É bom ter muitas personas, colecioná-las, costurar algumas, recolhê-las à medida que avançamos na vida. Quando vamos envelhecendo cada vez mais, com uma coleção dessas à nossa disposição, descobrimos que podemos ser qualquer coisa, a qualquer hora que desejemos."

O arquétipo da Mulher Selvagem, bem como tudo o que está por trás dele, é o benfeitor de todas as pintoras, escritoras, escultoras, dançarinas, pensadoras, rezadeiras, de todas as que procuram e as que encontram, pois elas todas se dedicam a inventar, e essa é a principal ocupação da Mulher Selvagem. Como toda arte, ela é visceral, não cerebral. Ela sabe rastrear e correr, convocar e repelir. Ela sabe sentir, disfarçar e amar profundamente. Ela é intuitiva, típica e normativa (p.31).

Por isso, hoje, precisamos que os movimentos feministas, sejam estes autônomos ou ligados a outros movimentos populares, juntamente com o movimento de trabalhadores e, mais recentemente, o movimento ecológico, reconstruam ativamente a participação humana democrática, a tolerância e a fraternidade entre as diferenças em prol do objetivo comum de igualdade numa forma de cidadania o mais amplamente possível.

Nota 1: Mesmo sabendo que elas são conflitantes, Simone de Beauvoir (filósofa) possui uma reflexão filosófica política existencialista, enquanto que Clarissa Éster (Psicóloga Junguiana) tem um recorte literal psicologizante. Foi importante trazê-las não pela sua complementaridade, mas pelo paradoxo. Que expressa ao remeter o leitor a dimensões diferentes do fenômeno complexo da vida. Por isso a articulação proposta, visto que abre possibilidades de paralelo com a minha vida.

2.3. A mulher e o curso de Pedagogia.

No decorrer de um ano no PIBID EJA, trabalhamos com um projeto que abordava as histórias das mulheres do Brasil, da América Latina e da Europa. Aprendemos muito e sabemos de antemão como foi e ainda é difícil para a mulher conquistar o seu espaço. Quando crescemos e precisamos nos decidir por uma carreira, já sabemos que teremos poucas opções. Isso para as mulheres de meia-idade, assim como eu. Embora os tempos tenham mudado muito, o curso de Pedagogia ainda é um dos cursos mais procurados nos dias de hoje por mulheres de todas as idades.

De acordo com o senso do Inep de 2016 e conforme Carlos Eduardo Moreno, diretor de estatística educacional do Inep, “Os três maiores cursos em número de matrículas são Administração, Direito e Pedagogia — os mesmos que concentravam a mais alta quantidade de estudantes em 2009.”.

Conforme reportagem do jornal online Folha PE, de 20 de setembro de 2018, do total dos cursos universitários existentes no Brasil em 2017, no total de matrículas 10,6% são em Direito; 8,6% em Pedagogia e 8,2% em Administração. Levando em consideração somente as licenciaturas que formam professores para atuar nas salas de aula, a Pedagogia foi o curso mais procurado. Ao todo, as licenciaturas representam 19,3% das matrículas no ensino superior. Dessas, 44,7% são em Pedagogia.

A escolha do curso de Pedagogia pelas mulheres em geral não é por acaso, uma vez que o ensino superior brasileiro só ocorreu efetivamente entre as décadas de 70 e 80, e foi nesse período que o acesso feminino aos cursos universitários teve seu auge. Nessa época existiam as profissões que seriam ditas como “carreiras femininas“. Conforme Rosemberg (1994), as mulheres eram convencidas pela sociedade de que algumas carreiras eram apropriadas ao seu gênero, Rosemberg cita Kurt Lewin (1977).

”construiu uma tipologia das preferências educacionais, para a qual estabeleceu uma escala de feminização a partir das percentagens de escolhas femininas (carreiras femininas, carreiras mistas, carreiras masculinas). Analisando a distribuição das matrículas entre 1973 a 1977, conclui que o aceso mais intenso de mulheres ao ensino superior se deu nas carreiras femininas, acentuando a estrutura de carreiras femininas, acentuando a estrutura de carreira estratificada por sexo” (ROSEMBERG, 1994, p.48).

Existem registros no livro “Mulheres do Brasil” de Mary Del Priore que, no século XVII, apenas uma mulher holandesa e uma baiana sabiam escrever seus nomes. As mulheres no Brasil só conseguiram cursar uma universidade no século XIX. O primeiro ingresso de uma mulher no ensino superior data de 1881. Somente em 1939, as mulheres que cursavam o Curso Normal tiveram direito de acessar um curso superior e entre esses cursos estavam Pedagogia, Letras, Geografia e História.

Por incrível que pareça, o curso de Pedagogia e a construção que sabemos sobre gênero possuem uma relação muito próxima. Ao falarmos sobre a história da Pedagogia, estamos de certa forma nos relacionando com as questões de gênero, em específico às mulheres.

Historicamente o curso de Pedagogia, no Brasil, teve seu currículo regulamentado em 1939, que previa a formação do Bacharel em Pedagogia, na época conhecido como técnico em Educação. Foi nesse mesmo século que as mulheres começaram a ocupar seu lugar nas escolas, pois sabemos que estas são maioria no curso de Pedagogia, uma das carreiras pensadas para ela.

A profissão de professora permitiu que as mulheres tivessem acesso a um dos espaços públicos, a escola, anteriormente frequentadas pelos homens. No entanto, essa profissão vai ser representada como similar ao trabalho do lar: o cuidar das crianças. De acordo com Louro (1997, p.88), “elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas”. Desta forma muitos estudiosos têm procurado relacionar os estudos de gênero e o campo da Educação.

Algumas estudiosas e feministas buscaram contestar as histórias que divulgavam que as profissões consideradas movidas pela “emoção” seriam próprias das mulheres e as ligadas à inteligência seriam patrimônio exclusivo dos homens.

Houve um grande embate entre as militantes do movimento nacional feminista na década de 70. De acordo com Louro (1997), havia muita discordância até mesmo no meio acadêmico, “(...) as militantes do meio acadêmico procuravam levar para as universidades e escolas as questões que as mobilizavam. Já a outra vertente do movimento centrava forças na atuação pública e nas conquistas práticas.” E a luta continua assim até hoje com outras vertentes étnico-raciais, religiosas e de classe.

Assim, todos os dias, várias representações do ser feminino/mulher são difundidas pela mídia e por outras instituições; contudo, devemos estar atentos, pois, como bem descreve Beauvoir (1967), “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Durante muito tempo nos mulheres tivemos nossos direitos renegados entre eles o direito a Educação, e muitas destas mulheres por diversos motivos ainda hoje, continuam sem o direito a educação.

Por isso eu busco uma articulação entre os estudos de gênero e o campo da Educação, principalmente investindo nos questionamentos e nas reflexões e nas perguntas, não querendo apenas encontrar respostas prontas. Tentando apenas encontrar em tudo isso uma história que faça sentido, pois conforme Foucault, a busca da minha história como mulher e de minhas colegas entrevistadas precisa de continuidade, pois “Uma história que rompe com as continuidades, adotando-as como objeto de descrição e como questão metodológica que organiza, recorta, distribui, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações” (FOUCAULT, 2005, p. 7).

Aposto nisso, ou seja, acredito na expansão dos estudos da Pedagogia e dos gêneros a partir do momento que questionamos suas demandas, pois, de acordo com Veiga, essas questões vêm sendo questionadas e analisadas desde a década de 60 e para essa estudiosa do assunto:

“Certamente seria reducionismo conceitual considerar a questão da feminilização do magistério como algo dado, ou

seja, como um fenômeno natural. Ao contrário, é preciso redimensioná-la, discutindo a relação mulher-educação como produto da teia de relações sociais em que, entre outros aspectos, se contempla o binômio desse gênero. Nesse sentido, é bastante pertinente a denúncia de que grande parte da pesquisa educacional deixa de incorporar a questão do sexo da professora como um elemento associado às relações de trabalho predominantes na sociedade“ (VEIGA, 1997, p.28).

No site do aluno, no portal da UFRGS, há a descrição do curso de Pedagogia:

O curso de Pedagogia forma profissionais habilitados a investigar e acompanhar o processo de aprendizagem de crianças, jovens e adultos, através de uma atuação pedagógica específica. O pedagogo está preparado para atuar na gestão educacional, especialmente, no planejamento, na administração, coordenação, promoção, acompanhamento, inspeção, supervisão, orientação educacional e na avaliação de processos educativos na educação básica e em contextos educativos não-escolares. (UFRGS, 2018)

Capítulo III - Quando quem diz Meia-idade diz Toda Idade!

*“Pés: para que os quero se possuo asas para voar?”⁴.
(Frida Kahlo)*

Se abstração do fazer é a maneira pela qual a atividade humana é organizada, se, afinal, nós mesmos a produzimos, então podemos rompê-la. As informações que seguem dizem de um modo de perceber a realidade e a si mesmo, mas para isso precisamos reconhecer que nela há um viés metodológico que é preciso explicitar e considerar.

O estudo exploratório⁵ pode ser entendido como sendo uma pequena amostra, permite ao pesquisador definir o seu problema de pesquisa e formular a sua hipótese com mais precisão. Ele também lhe permite escolher as técnicas mais propícias para suas pesquisas e decidir sobre as questões que mais necessitam de atenção e investigação detalhada, e pode alertá-lo sobre potenciais dificuldades, sensibilidades e áreas de resistência.

A coleta de dados foi executada através da técnica de entrevista semiestruturada, gravada e transcrita. Foi realizada a análise de discurso da fala das entrevistadas. A entrevista contemplou nove (9) participantes do curso de Pedagogia.

O processo de coleta de dados foi composto pelas entrevistas semiestruturadas individuais das alunas do curso de Pedagogia da UFRGS⁶ conforme questionário (APÊNDICE B).

⁵ É utilizado para realizar um estudo preliminar do principal objetivo da pesquisa que será realizada, ou seja, familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, de modo que a pesquisa em si possa ser concebida com uma maior compreensão e precisão.

⁶ Conforme levantamento informal com os funcionários da CONGRAD 2018/2, em relação ao tema do meu TCC, estima-se que existam hoje na Universidade de Educação no curso de Pedagogia, uma média de **30** mulheres na faixa etária conhecida como de meia-idade.

Foram realizadas por mim no pátio da FACED embaixo das árvores, para criar um clima mais informal, em data e horário previamente combinados, não interferindo no andamento do TCC das colegas e de suas aulas para término do curso. As entrevistas foram gravadas por equipamento de áudio e transcritas na íntegra, sem tempo de duração definido. Os dados serão mantidos em sigilo e permanecerão em um banco de dados separado e de acesso restrito. Para a obediência ao anonimato, cada entrevistada recebeu um codinome escolhido por elas próprias.

Segundo Eni Orlandi (2009), permitir problematizar as maneiras de ler, leva o sujeito falante a se colocar questões sobre o que produz; tem como objetivo a representação condensada da informação para consulta, de modo a permitir identificar a lógica do discurso das entrevistadas. Utilizar-se-á o mesmo critério para classificação das informações. Todavia, convém esclarecer que as ideias centrais foram, por sua vez, analisadas da seguinte forma:

1. Coerência e/ou adequação entre o proposto pelos valores da instituição e a fala das entrevistadas;
2. Posicionamento próprio, isto é, entre o que é proposto pela instituição livre expressão e o que é feito ou executado pelos professores e percebido pelos alunos em sala de aula;
3. Tipos de distinção entre os discursos/depoimentos, isto é, como se apresentam as falas das alunas dessa instituição: se são convergentes, diferentes ou antagônicas.

As informações que seguem são apresentadas a partir de duas entradas: a primeira caracteriza o grupo de entrevistadas permitindo uma imagem mais ampla e geral de quem são elas, e a segunda, mais refinada diz respeito ao modo como pensam e percebem seu lugar na Faculdade de Educação.

[...] “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas

insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar “descomprometidamente” como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele”. (FREIRE, 1996, p. 46).

QUADRO I – PERFIL DO GRUPO DE MULHERES DE MEIA-IDADE

Codiname	Idade	Estado Civil	Raça/Etnia	Quant. Filhos	Lugar de Nascimento
Mulher Maravilha	49	Divorciada	Branca	1	Porto Alegre /RS
Gringa	45	Casada	Branca	2	Caxias do Sul/RS
Deia	47	Casada	Branca	2	Porto Alegre /RS
Mema	58	Solteira	Negra	5	Canoas/RS
Preta	53	Casada	Branca	2	Florianópolis/SC
Júlia	49	Casada	Branca	3	Carazinho/RS
Mikaela	47	União Estável	Negra	4	Rio Grande/RS
Indiara	54	Solteira	Branca	3	Rivera/Uruguai
Isis	47	Solteira	Negra	0	Pelotas/RS

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018

QUADRO II - Alunas do curso de Pedagogia - UFRGS, 2018/2

Nº	Codiname	Idade	Escola Pública ou Privada	Modalidade de Ingresso na Universidade	Quantos anos levaram para voltar a estudar, após o ensino médio.	Ano de Entrada na Universidade
1	Mulher Maravilha	49	Privada	Universal	1 ano	2014/1
2	Gringa	45	Pública	Universal	11 anos	2010/1
3	Deia	47	Pública	Universal	7 anos	2014/2
4	Mema	58	Pública	Cota	16 anos	2016/2
5	Preta	53	Pública	Universal	22 anos	2014/2
6	Júlia	49	Privada	Universal	20 anos	2014/2
7	Mikaela	47	Pública	Cota	23 anos	2014/1
8	Indiara	54	Pública	Universal	30 anos	2013/2
9	Isis	47	Privada	Universal	6 anos	2014/1

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018

A partir dos quadros I e II percebe-se que os elementos e características que compõem o perfil das mulheres de meia-idade evidenciam outras coisas, por exemplo: são um grupo capaz de oferecer novas perspectivas discursivas a proposta

pedagógica em sala de aula, visto que suas experiências de vida podem abrir possibilidades de reflexão para redefinir e reestruturar os significados e identidades ser professora na sociedade.

Os elementos que caracterizam o perfil do grupo indicam que a idade não pode ser um impeditivo, ao contrário, o fator idade pode ser um diferencial significativo para um fazer discente diferenciado. Este “inédito viável”⁷ deriva da experiência de vida e da diversidade de trajetórias do grupo.

A reflexão (...) auxilia a vislumbrar a possibilidade de construir o inédito-viável como um modo de superação dos condicionamentos históricos que o tornam momentaneamente inviável. Acreditar na potencialidade do ato de sonhar coletivamente, nessa perspectiva, significa compreender a importância da rigorosidade metódica para, ao perceber os temas contidos nas situações-limites, tomá-los como objeto de estudo e reflexão, podendo perceber também que “além dessas situações e em contradição com elas encontra-se algo não experimentado”. (FREIRE, 1979, p.30)

É importante destacar, também, que:

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (...)”
(BONDÍA, 2002, p. 21).

As informações estão a nos dizer de um grupo que derrubou barreiras (da idade/da periferia da rede pública) ao encarar a entrada no curso superior após a meia-idade pelo regime universal ou de cotas.

É a mediação entre a vida humana e o conhecimento. A entrada desse grupo na Universidade é também um movimento de interrupção, de travessia e perigo e da exposição. O que as move a parar para pensar, olhar, escutar e agir. Tem como elemento relevante a educação.

⁷ O conceito do inédito-viável foi longamente abordado por Paulo Freire nos livros “Pedagogia do oprimido”, na década de 60, e a “Pedagogia da esperança”, no seu retorno ao Brasil na década de 80. Num espaço de 20 anos de uma publicação para a outra. Por isso, o agir não se constitui unicamente por aspectos subjetivos, mas também pela natureza política e epistemológica que o explicam.

3.1 No modo de se perceber... um estar no mundo

As informações que seguem podem, num primeiro momento, se apresentar de maneira “existencialista”, mas trata-se de um acontecimento que é compartilhado, parece que a experiência de um indivíduo é única, mas não. É um modo de conduzir-se (um estilo), de força humana (particular) de estar no mundo, sem estar fora delas mesmas.

O que pensamos e como. As palavras produzem sentidos, geram realidades e também assumem influentes instrumentos de subjetivação para o sujeito da experiência.

[...]. Vamos agora ao sujeito da experiência. Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutarmos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (...) o sujeito da experiência é, sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (BONDÍA, 2002, p. 24).

Para então pensar como situamos em face a nós mesmos, em face aos outros e em face ao mundo em que existimos e estamos num determinado contexto e momento.

[...] este é o saber da experiência o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido do que nos acontece. (BONDÍA, 2002, p. 27).

A pergunta referente **Por que você voltou a estudar?** Teve um certo ar de mistério, um suspiro profundo e um orgulho no olhar e na fala.

As entrevistadas colocaram seu ponto de vista de forma clara e categórica. Abaixo apresentamos o quadro de modo a evidenciar os matizes de cada resposta.

Quadro III – Razão de voltar a Estudar
Percepção das entrevistadas - Alunas do curso de Pedagogia - UFRGS, 2018/2.

Nº	Codinome	Respostas
1	Mulher Maravilha	Para realizar o sonho de ter uma graduação e para provar para mim mesma que eu era capaz de estudar e ter uma profissão, mesmo já tendo ultrapassado a “idade certa” para estar em uma faculdade.
2	Gringa	Voltei a estudar em 2010 (com 32 anos), pois sempre foi meu sonho terminar a graduação. Nunca tinha conseguido (nas duas outras vezes), pois precisava trabalhar e não tinha ajuda da família. Em 2010 optei por um curso noturno, completei 3 semestres e decidi trocar para a Pedagogia em 2013/2 quando, já casada, contei com a ajuda do meu marido para trocar um emprego de turno integral por um de meio turno e conseguir frequentar as aulas pela manhã.
3	Déia	Atualização do magistério.
4	Mema	Senti a necessidade de fazer algo mais pela minha vida, aproveitar as oportunidades que o universo estava me dando. Sempre gostei de estudar, ler, buscar conhecimento, mas como tinha que trabalhar para ajudar a manter o orçamento doméstico fui deixando de lado. Trabalhei como doméstica dos doze aos quarenta e nove anos. Neste período não pensava em estudar, meu objetivo era trabalhar. Mas hoje analisando, mesmo estando fora da escola, eu sempre estava procurando algo interessante para ler. (...) Conversando com minha filha que é professora de geografia, tive a possibilidade de conhecer o currículo da pedagogia, participei de dois concursos vestibular e hoje só tenho a agradecer ao universo.
5	Preta	Já tenho outra graduação, Bacharelado em Ciências Contábeis. Voltei a estudar, porque estava precisando de uma base pedagógica, pois eu estava atuando como profissional liberal e estava dando aula para curso técnico.
6	Júlia	Porque meu sonho era estudar.
7	Mikaela	Para realizar meu sonho de ter uma graduação.
8	Indiara	Para realizar o sonho de ter uma graduação e porque acredito que não devemos parar nunca de aprender.
9	Isis	Sempre foi uma demanda do meu ser buscar novos conhecimentos, ampliar horizontes, além da necessidade de uma formação profissional que me oferecesse melhores oportunidades.

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018

Todas as entrevistadas se questionaram sobre suas motivações, e durante a entrevista foram surgindo pistas interessantes como: crescimento pessoal, oportunidades únicas na vida, visão de mercado de trabalho futuro, preparo profissional, garantia de uma estabilidade financeira, intercâmbio cultural e social e a

realização de um sonho.

Interessante destacar estes aspectos, pois de acordo com Paulo Freire:

“É na diretividade da educação, esta vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de endereçar-se até sonhos, ideais, utopias e objetivos, que se acha o que venho chamando de politicidade da educação. A qualidade de ser política, inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação. E é impossível, não porque professoras e professores “baderneiros” e “subversivos” o determinem. A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política. [...] (FREIRE, 2005a, p. 110).

Então se fez necessário que essas discentes adquirissem algumas habilidades e algumas qualidades, tais como, atitude, bom senso, coragem para enfrentar desafios, disciplina para planejar, organizar e cumprir metas, senso de justiça para cumprir e respeitar os direitos dos outros e o seu próprio, equilíbrio físico e mental, foco para alcançar suas metas, humildade para admitir erros e fraquezas, maturidade para saber lidar com frustrações e saber recomeçar, ousadia para pensar e criar algo novo e, por fim, respeito por si mesmas e pelos outros, aceitando as diferenças e a diversidade. E para que fosse alcançada a realização desse sonho, refletimos no que nos diz Paulo Freire. Ele nos fala de sonhos e utopias, onde sem sonho e sem utopia, sem denúncia e sem anúncio, só resta o treinamento técnico a que a educação é reduzida. (FREIRE, 2000, p.124).

QUADRO IV - Ambiente Acadêmico

Percepção das entrevistadas - Alunas do curso de Pedagogia - UFRGS, 2018/2

Nº	Codinome	Respostas
1	Mulher Maravilha	Do fato de tudo ter que ser feito de determinada maneira, os professores e a própria faculdade não levam em consideração as múltiplas vidas e caminhos percorridos pelas pessoas que estão ali dentro.
2	Gringa	Das preferências, dos grupos fechados, dos privilégios.
3	Deia	A prepotência e arrogância de alguns professores.
4	Mema	A frieza de algumas pessoas com quem temos que conviver. A repetição de textos cansativos, mas sei que faz parte do pacote.
5	Preta	Não sei. Acho que gosto da Universidade em geral..
6	Júlia	Conviver com pessoas preconceituosas e arrogantes.
7	Mikaela	Leituras sem critérios.
8	Indiara	Gosto de tudo, eu sou apaixonada pela UFRGS. Agora que estou na reta final já começo a sentir saudades.
9	Isis	Da dificuldade de acesso à iniciação científica, da assistência estudantil limitada, principalmente moradia.

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018

A adaptação ao contexto acadêmico no ensino superior refere-se ao ajustamento dos indivíduos à vida universitária. A responsabilidade pelo aprendizado, antes centrada na escola, tem outra dinâmica diferente na Universidade. Esta tem lógica e dinâmica diferentes, agora é o discente que irá produzir o seu próprio conhecimento através das suas leituras e, dependendo do momento em que está vivendo, encontrará os teóricos de sua preferência, participará das pesquisas de seu interesse.

A experiência universitária leva os estudantes a efetivarem um agitar progressivo em direção ao aumento da qualidade das relações interpessoais, ao desenvolvimento de sua própria identidade e a um aumento da autoconfiança, que dependem das próprias características pessoais que cada um traz para a Universidade e, nesse caso, são muitas as variáveis.

Importante destacar que a experiência nesta perspectiva revela-se em um saber relativo, que privilegia o individual em detrimento do coletivo, na medida em que enfatiza aquilo que acontece ao indivíduo (ao que acontece e é percebido de maneira pessoal), singular e concreta, carregada de sentidos ou sem sentidos, na qualidade existencial. Fato a reiterar é que nem sempre idade ou experiência de vida permite uma articulação mais ampla com o contexto social no qual se dá essa experiência.

QUADRO V – A sala de aula
Percepção das entrevistadas - Alunas do curso de Pedagogia - UFRGS, 2018/2

Nº	Codinome	Respostas
1	Mulher Maravilha	No início um pouco apreensiva, pois imaginava que ficaria isolada por ser de mais idade e que os jovens não me aceitariam. Mas na barra em que entrei havia muitos alunos mais velhos assim como eu, então foi bem tranquilo e os jovens foram muito receptivos.
2	Gringa	Na maioria das vezes me senti bem em sala de aula. Em alguns momentos, excluída pelos bem mais jovens.
3	Déia	No início me sentia como um peixe fora da água.
4	Mema	Nos primeiros dois semestres, uma tonta, falavam e eu não sabia de que se tratava. Mas comecei a prestar mais atenção, buscar informações e foi acontecendo.
5	Preta	Já tenho outra graduação, Bacharelado em Ciências Contábeis. Voltei a estudar porque estava precisando de uma base pedagógica. Pois eu estava atuando como profissional liberal e estava dando aula para curso técnico.
6	Júlia	No início bastante perdida, mas muito feliz.
7	Mikaela	Inibida e tímida.
8	Indiara	Realizada, feliz e orgulhosa. Porém era muito evidente a discriminação por parte de colegas e de professores.

9	Isis	Deslocada.
---	------	------------

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018.

Muitos autores consideram a sala de aula como um microsistema em que tem lugar uma variedade de acontecimentos estreitamente relacionados. Esse microsistema pode ser visto por nós como um ambiente/cenário de encontro, em que se estabelece a tarefa educacional e de relações interpessoais.

E é muito normal, que independente da idade, tenhamos percepções e, num primeiro momento, sintamos diversas sensações, pois estamos pisando em um cenário muito diferente daquele que estávamos acostumados.

A palavra “Fato” deriva do latim *factum*, participio do verbo *facere*, que significa fazer.

A expressão “fato” quer dizer (Coisa realizada = Ato, Feito; Acontecimento. Sucesso; Assunto de que se trata; Lance.), segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa. O conceito de fato tem sido fruto de reflexão filosófica há tempos na teoria do conhecimento e, sobretudo, na filosofia da ciência.

O mais importante para a discussão proposta aqui é, no entanto, o fato como um tipo de declaração, um ato comunicativo. Daí advém o ditado atribuído a Aristóteles “Contra fatos não há argumentos” (KUHLMANN, 1999, p. 41). Essa declaração é frequentemente utilizada no jornalismo para mostrar que os fatos falam por si, assim como na sociedade e na educação.

Para esse enunciado fizemos a seguinte pergunta: o que te surpreendeu em sala de aula?

Durante o curso ouvimos muito nas cadeiras de Sociologia e Psicologia falarem sobre este conceito, diz-se dos relacionamentos entre duas ou mais pessoas. Nesse caso as relações entre colegas e professores. O relacionamento interpessoal implica uma relação social, ou seja, um conjunto de normas comportamentais que orientam as interações entre membros de uma sociedade.

QUADRO VI – Fatos que surpreenderam em sala de aula.

Percepção das entrevistadas - Alunas do curso de Pedagogia - UFRGS, 2018/2

Nº	Codinome	Respostas
1	Mulher Maravilha	Na verdade o que mais me surpreendeu na faculdade foi à acolhida e a receptividade por parte das colegas mais jovens. Quando vi que havia passado no vestibular fiquei muito feliz e apreensiva ao mesmo tempo, pois imaginei que teria aula com muitos jovens e que estes não fariam amizade com uma pessoa de mais idade. Mas tive duas gratas surpresas. Primeiro a interação com os mais jovens e depois a quantidade de pessoas mais velhas assim como eu, então, esses fatos foram os mais surpreendentes para mim!
2	Gringa	O fato que mais me surpreendeu e ainda surpreende toda vez que acontece é quando os professores e os alunos falam sobre política, defendendo suas opiniões e não respeitando a opinião dos outros. Acho um absurdo que dentro de uma Academia, em 2018, isso ainda aconteça. Não foi uma ou duas vezes que presenciei isso e que fiquei perplexa com a falta de respeito. Acho que se temos o dever de ouvir com atenção e respeito, temos o mesmo direito de sermos ouvidos com a mesma atenção e respeito. Fiquei surpresa com alguns professores e muito mais com colegas mais novos, que além, de não respeitarem a fala dos demais, ainda acham que podem julgar e condenar a todos que não pensam igual a eles.
3	Deia	Foi em uma aula, na qual a maioria da turma não falava por vergonha ou por falta de motivação, enfim, não poderia especificar e eu como sempre muito falante junto com meu colega Flávio, também sempre muito falante, fomos repreendidos pela professora que pediu, para que parássemos de falar, que pudéssemos dar oportunidade aos mais novos que estavam em silêncio, pois poderíamos intimidá-los com nossa fala. Silenciamos e a turma também não se manifestou.
4	Mema	Muitos fatos me marcaram. Colegas discutindo, quase partindo para ofensa por terem opiniões diferentes, não conseguindo ver à riqueza desta diferença para crescimento pessoal. A indignação de alguns colegas com a ocupação, pois isto atrasaria a conclusão do curso. Mas uma em especial, com pensamentos bem individualistas, mas, que fora da situação de ocupação, dizia e continua dizendo que a universidade tem que nos dar condições de estudar. Mas não apoiou o grupo que estava lutando por direitos do coletivo. Referia-se como se fossem badrneiros. Várias vezes, quando comento sobre um colega que me parece deprimido, isolado, ela me diz que veio estudar, não presta atenção no outro. Isto me faz pensar que educadora será está?
5	Preta	Não tem nada significativo que eu lembre.
6	Júlia	O que mais me surpreendeu e deixou bastante surpresa foi ver e ouvir, em sala de aula, opinião de colegas baseada em direitos a cotas, em que uma resposta ainda hoje me pego questionando e tentando entender o ser humano em suas diferenças. Algumas colegas questionaram o fato de que não tinham culpa de serem brancas, loiras, bonitas e ricas. Mas que, independente da classe social, eram contra as cotas, porque as pessoas cotistas estavam tirando, segundo elas, as suas vagas, e com isso a universidade acabava perdendo a qualidade, porque permitiam pessoas despreparadas ingressarem nela. Choquei!!!!!!!.
7	Mikaela	De positivo as diversas possibilidades que temos de persistir no curso, de nos tornarmos invencíveis dos nossos próprios medos e dificuldades inerentes à idade e às tantas outras demandas que temos fora da faculdade. De negativo, o fato que mais me surpreendeu na

		UFRGS foi quando um professor do segundo semestre reprovou alunas frequentes por FF a título de represália por não terem entregues seu trabalho de avaliação da disciplina em tempo hábil. O pior foi ele não ter dado nem mesmo a possibilidade de recuperação para as alunas, cumprindo sua ameaça feita no início do semestre. Isso, a meu ver, foi muito marcante no Curso de Pedagogia, pois tudo o que ensinamos aos alunos não é o que ocorre/ocorreu dentro da Faculdade.
8	Indiara	O fato que mais me surpreendeu na sala de aula foi ver a discriminação de alguns professores e de colegas com as pessoas que têm mais idade. Deixaram transparecer que julgam que temos menos capacidade para aprender, para elaborar trabalhos, para dar aulas. Mas em contrapartida a esses professores e colegas também fomos muito acolhidas por outros tantos professores e colegas. E foram esses que nos inspiraram a cada aula, cada dia, cada semestre, a seguir em frente e a chegarmos até aqui.
9	Isis	Muitos momentos foram surpreendentes, mas dois foram mais absurdos e ambos relacionados a racismo. Uma professora falou em aula que "ela discordava que fosse abordada as histórias dos negros na sociedade para as crianças pequenas, porque elas não teriam condições de abstração, de imaginação". No entanto, são aceitas as histórias dos casais açorianos que fundaram a cidade de Porto Alegre. O absurdo disso é que ela não cumpriu a lei 10639/03 e autoriza que outros também não cumpram. Mas o pano de fundo de um argumento que sequer passa por técnico é apenas racismo.

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018

O conceito de relação social, da área da Sociologia, foi estudado e desenvolvido por Max Weber. De acordo com Weber, a definição de Sociologia “ocorre quando um indivíduo leva os outros em consideração no momento de tomar uma atitude, de praticar uma ação” (Weber 1913, apud RODRIGUES,,2001),

Por “ação” (incluindo a omissão e a tolerância) entendemos sempre um comportamento compreensível com relação a “objetos”, isto é, um comportamento especificado ou caracterizado por um sentido (subjetivo) “real” ou “mental”, mesmo que ele não seja quase percebido. [...] A ação que especificamente tem importância para a sociologia compreensiva é, em particular, um comportamento que:

1. Está relacionado ao sentido subjetivo pensando daquele que age com referência ao comportamento dos outros;
2. Está codeterminado no seu decurso por esta referência significativa e, portanto,
3. Pode ser explicado pela compreensão a partir deste sentido mental (subjetivo). (WEBER, 1913 apud RODRIGUES, 2001, 54)

O acontecer de um relacionamento aceitável nas instituições educadoras nos sugere trabalharmos todos com espírito de grupo, um esforço em conjunto das

peças que fazem parte da comunidade universitária com motivação, cooperação e colaboração, como um único objetivo o de melhorarmos o processo educacional.

QUADRO VII – Relações com Docentes
Alunas do curso de Pedagogia UFRGS, 2018/2

Nº	Codínome	Como vê seus professores?	Como eles veem você?
1	Mulher Maravilha	Vejo a grande maioria deles como pessoas sensíveis e acolhedoras que nos aceitam normalmente em sala de aula, mas, infelizmente, alguns não escondem o fato de que a nossa presença os desagrada. Para alguns professores, nós estamos ali ocupando um lugar que deveria ser de um jovem.	Acredito que a grande maioria me vê como uma pessoa que merece estar no lugar em que me encontro.
2	Gringa	A maioria com respeito e admiração.	Como uma aluna, igual aos outros.
3	Deia	Como colegas de profissão.	Alguns professores me tratam como colega, outros nem sei explicar.
4	Mema	Sendo a luz que guia, alguns com maior clareza, outros nem tanto. A maioria exemplo a ser seguido, inspiração. Alguns até um pouco chatos, mas consegui entender que muitas vezes é para que eu busque o meu melhor, potencializando minha capacidade.	Como uma pessoa persistente, pois mesmo com minhas limitações de compreensão, procuro participar do todo.
5	Preta	Tenho orgulho da maioria deles.	Não faço a mínima ideia.
6	Júlia	A maioria como pessoas empenhadas em passar conhecimento e outros se empenhavam em ensinar apenas os alunos mais jovens.	A maioria me considerava como vencedora por estar ali e outros me olhavam como se estivesse no lugar errado.
7	Mikaela	Exigentes.	Não sei.
8	Indiara	Como pessoas capacitadas e lutadoras. Com admiração. Mas infelizmente há alguns que se tornam arrogantes, sentem-se detentores do saber.	Gostaria de saber, porque não faço a menor ideia.
9	Isis	A maioria deles burocraticamente interessados no cumprimento das tarefas orientadas e muitas vezes com exigências fora das possibilidades de alunas trabalhadoras.	Com pouco interesse e com dúvidas sobre minha capacidade.

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018

Para alguns teóricos, a relação e a percepção que temos como alunos dos nossos professores demonstram que muito ainda precisa ser estudado e aprimorado nessas relações e, sinceramente, pouco sabem o que eles pensam de nós. E tudo isso demonstra que daqui a pouco também seremos professores e educadores, mas nesse momento é a nossa voz como discentes que aqui prevalece.

Segundo Mosquera e Stobäus(2004), “Um professor que busca uma educação para a afetividade deve, antes de nada, desenvolver uma personalidade mais saudável, estabelecer melhores relações interpessoais” (2004, p. 106).

Para Freire (1996), “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (1996, p. 103).

Em contrapartida vale ressaltar o que Nóvoa (1999) diz: “Os professores não são anjos nem demônios. São apenas pessoas (e já não é pouco!). Mas pessoas que trabalham para o crescimento e a formação de outras pessoas. O que é muito”.

E, para finalizar, Mosquera e Stobäus(2004) afirmam que:

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade. Outro aspecto que aparece como pano de fundo do que estamos colocando é que nos acostumamos a viver com as máscaras que colocamos em nós mesmos e nas outras pessoas. [...] Às vezes esta máscara é tão imponente que passamos a senti-la tão grudada à nossa pele que parece que temos esta outra pele. Voltaríamos a perguntar: que tipo de disposição temos para ouvir, para ver, como pré-requisitos para atuar? MOSQUERA E STOBAUS (2004, p. 97).

**QUADRO VIII - Relação interpessoal com os colegas e vice-versa.
Percepção das entrevistadas - Alunas do curso de Pedagogia - UFRGS, 2018/2.**

Nº	Codinome	Como vê seus colegas?	Como seus colegas lhe veem?
1	Mulher Maravilha	Vejo meus colegas mais jovens com muito carinho, me dou bem com a grande maioria deles, tenho facilidade em me comunicar com jovens. Com os de mais idade também me sinto bem, somos todas guerreiras e mulheres admiráveis!	Acho que eles me veem como uma pessoa forte, batalhadora, que lutou muito e ultrapassou várias barreiras para estar em uma faculdade hoje!
2	Gringa	Como iguais. Pessoas reunidas com um mesmo propósito (ou próximo).	A maioria me percebe como uma colega, como outra qualquer.
3	Déia	Como parceiros, me apoiaram muito ao longo da graduação.	Como uma mãe adotada pelos alunos mais novos.
4	Mema	Parcerias boas me ajudaram muito, auxílio espontâneo, com paciência e disposição.	Uma pessoa em busca do seu melhor, fazendo um resgate de oportunidades.
5	Preta	Como futuros colegas de profissão	Não sei. Nunca parei para pensar.
6	Júlia	Com a diferença de idade, percebia-os indiferentes, distantes.	Viam-me como se eu estivesse no lugar errado.
7	Mikaela	Como se fossem meus filhos, com carinho e empatia.	Não sei.
8	Indiara	Me identifico com os/as colegas com idade mais próxima da minha, mas também me relaciono muito bem com colegas mais jovens.	Alguns apenas como mais uma colega e outros como uma pessoa menos capaz por causa da idade.
9	Isis	Com distanciamento	Com desinteresse

Fonte: Alunas entrevistadas do curso de Pedagogia - UFRGS no ano de 2018

A interação entre as pessoas que têm pensamentos e atitudes diferenciadas, e que tiveram criações diferentes e, em decorrência disso, possuem visões diferentes é de extrema importância em sala de aula. Precisamos de diálogo entre os sujeitos dentro das escolas e universidades, para que todos possam se conhecer melhor. Debates em que aja oportunidade de participar das discussões e decisões

mostrando a história de todas as gerações e seus pontos de vista, são primordiais para o desenvolvimento cognitivo e argumentativo dos alunos, sem contar que contribuem também para a socialização e a formação do caráter de cada indivíduo.

Segundo Grillo (2004, p.79): “Todo aluno traz para sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida”.

Nas primeiras aulas, é interessante que os alunos tenham consciência da importância do companheirismo e da cooperação na construção de relações firmes e duradouras com os colegas. Aprender a respeitar a opinião dos colegas, dividir tarefas, discutir sobre metodologias e resultados de pesquisa ajudam o aluno a construir seus pontos de vista, tornando-se, assim, sujeito de sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Que nada nos limite.
Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja
nossa própria substância”
(Simone de Beauvoir)*

De acordo com Vieira, "O próprio ato de conhecer-viver se constitui em uma leitura da relação cognoscente-vivente. Por isso, nesta perspectiva, o conhecer-viver é elemento fundamental no processo de conscientização." (VIEIRA, 2004)

Existem vários fatores levando as mulheres às escolas, às universidades e ao campo de trabalho, mas ainda existem certos preconceitos, e o sexismo é um deles. Para quem retorna a estudar após algum tempo existe um sabor doce de conquista.

Assim, tendo por objetivo geral investigar as percepções narradas pelas estudantes/formandas de meia-idade na Faculdade de Educação, foi possível identificar alguns elementos conclusivos importantes:

- a) a materialização ou a negação à práxis no fazer diário na sala de aula e em outros espaços dentro do curso de Pedagogia/UFRGS;
- b) que o cotidiano da faculdade, em função do seu modo de operar as relações entre professores/as e estudantes/professores/as em formação, nem sempre permite um melhor aproveitamento da experiência ou bagagem de vida da acadêmica;
- c) é preciso considerar também que compreender o discurso e a prática dentro do curso de Pedagogia está diretamente relacionado com as diferentes maneiras de exercer e apresentar modelos de docência.

E, para finalizar, entendo que é a partir dessas reflexões sobre o cotidiano da

faculdade e de seu modo de operar, que surge a possibilidade de pensar outros modos de desenvolver uma Educação para a permanência/participação de grupos diferenciados de alunos dentro da faculdade longe de um pensamento mecanicista - desconectado do concreto – visto, que para oportunizar uma Educação para a mudança com ações problematizadoras, a fim de intervir e conhecer o mundo, é preciso pensar em um aprendizado compartilhado.

Rubem Alves diz:

“Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” *sui generis* portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal”. (ALVES, 1987, p. 13)

Entretanto, num percurso autêntico na universidade pública que cada vez mais viabiliza uma política pública inclusiva, pensar meia-idade (adultos) na sua prática pedagógica é garantir a liberdade e a pluralidade de possíveis leituras e visões de mundo que são partilhadas como formas de conhecimentos.

Fato tão necessário neste Brasil de cenários políticos conservadores, misóginos e reacionários, principalmente porque, se a Universidade Pública não repensar as interações em que o educando possa enfrentar-se como autônomo para construir sua autoconsciência, quem irá fazê-lo? O mercado?

É destacando o valor do processo relacional na ação educativa que a formação do outro como integralmente outro se estabelece como objetivo da educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. 19ª. ed. São Paulo: Cortez, 1987, 88 p.

ANTUNES, P. de C. & SILVA, A.M. (2013, setembro). Elementos sobre a concepção da Meia Idade, no processo de envelhecimento humano. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(5), pp. 123-140. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

ANTUNES, P. & SILVA, A.M. (2014). A produção científica brasileira e a problematização acerca da meia-idade: um estudo a partir de periódicos do campo da Educação Física. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento no prelo*.

ANTUNES, P. & SCHNEIDER, M. (2007). Primeiras aproximações com o conceito de maturidade: um olhar a partir de uma realidade social feminina. In: Falcão, J.L.C. & Saraiva, M.C. *Esporte e lazer na cidade: a prática teorizada e a teoria praticada*, 61-82. Florianópolis (SC): Lagoa Editora.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p

BARRO,, M.L. (1998). *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Getúlio Vargas.

BARTHOLOMEU, D., NUNES, C.H.S.S., & MACHADO, A.A. (2008). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF*, 13(1), 41- 50. doi: 10.1590/S1413-82712008000100006

BEAUVOIR, Simone de. A Força Da Idade. 1960. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1960.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, (1949) 1967.

BEAUVOIR, Simone de. Por Uma Moral De Ambiguidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BIXO: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/por-que-chamam-os-calouros-universitarios-de-bixos/> Acesso em: 13 ago. 2018

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação* nº19, 2002.

CAVALCANTE, Débora Maria Rodrigues. As mudanças ocorridas na vida dos idosos institucionalizados a partir de sua admissão no recanto sagrado coração de Jesus. 2014. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Fac, Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://ww2.faculdadescearenses.edu.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

CORAZA, S. (2005). *Mais jovem a cada dia: um programa completo de vitalidade para homens e mulheres*. São Paulo (SP): Prestígio.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres Que Correm Com Os Lobos*. Rocco, Rio de Janeiro, 1999

FATO: <https://dicionario.priberam.org/fato> Acesso em : 13 ago 2018

FERREIRA, Wallace ; Bourdieu e educação: concepção crítica para pensar as desigualdades socioeducacionais no Brasil. Rio de Janeiro: Cap-uerj, v. 1, n. 3, 01 jun. 2013. Mensal. Disponível em: <<http://www.uerj.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2018

FREEDMAN, Rita. *Meu Corpo...Meu Espelho*. trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia Da Esperança*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

_____. *Conscientização: Teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Ana Maria. Notas. In FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, M. *Da amizade como modo de vida*. Disponível em: . Acesso em 27 fev. 2003.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. História da sexualidade III: o cuidado de si. São Paulo: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231- 249.

GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. 2ª ed.; São Paulo: Scipione, 199.

GRILLO, M. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) Ser professor. 4ª. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2004. p. 73-89.

GUSMÃO, N.M. (2003). Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade. In: _____. *Infância e Velhice: pesquisa de ideias*, 15-32. Campinas (SP): Alínea.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Legislação e Documentos. 2016, Brasília. CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR
2016. Rio de Janeiro: Mec, 2017. 53 p. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Instituição De Ensino Superior

https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituição_de_ensino_superior: Acesso em: 22 ago. 2018.

JORGE , M.M. (2005). Perdas e ganhos no envelhecimento da mulher. *Psicologia em Revista*, 11(17), 47-61. Magalhães, D.N. (1989).

KUHLMANN JR., M., (1999). Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação.

LEWIN, KURT. Teoria Dinâmica da Personalidade. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS Sandra Mendes dos. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. Educar e et educare: Revista de Educação, V.2n.4, p.77-90, jul./dez.2007. Disponível em: <<https://www.ufgd.edu.br/faed/nefope/publicações/o-coordenadorpedagógico-na-educacão-básica-desafios-e-perspctivas>>. Acesso em 29 out. 2018.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 10 n. esp. 2007. Disponível em: . Acesso em: 08 ago 2018.

LOURO, G. L. (1997) Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes.

LOURO, G.L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, G.L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M.V. (Org.). O currículo nos limiões do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 85-92.

LOURO, G.L.; NECKEL, F.J.; GOELLNER, V.S. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUKÁCS, G. (1968). Marx e o problema da decadência ideológica in: COUTINHO, C. N. (org). Marxismo e Teoria da Literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LUKÁCS, G. (1979). Ontologia do Ser Social: A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel. São Paulo, Ed. Ciências Humanas.

MINAYO, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva, 17(3), 621-626.

MORAES, Isabela dos Reis. “Várias cabeças pensantes”: percepções a respeito da docência compartilhada no PIBID-EJA e suas contribuições para a formação docente Porto Alegre 1º semestre 2017. 2017. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 2017.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.

NERI, A. L. (Org.). (1995). Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papirus. Neri, A. L. (Org.).

NÓVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999.

OMS—Organização Mundial da Saúde
<http://www.who.int/eportuguese/publications/pt/> e

<http://www.who.int/eportuguese/hinari/pt/> Acesso em 15 set: 2018

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009. Eni (<https://pt.scribd.com/document/347380659/ORLANDI-Eni-P-Analise-do-discurso-Principios-procedimentos-pdf> . Acessado em 01 nov 2018

ORLANDI, P.E. Discurso, Imaginário Social E Conhecimento. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>

Acessado em: 4/11/2015

PAULA, Delma Balbino de. Universidade Aberta à Terceira Idade e o Espaço de Sociabilidade. 2009. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Gestão de Mídia, Eca, Cellac, São Paulo, 2009. Cap. 10. Disponível em: <CELACC/ECA-USP>. Acesso em: 13 ago. 2018.

PEDAGOGIA:

http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=341

Acesso em 30 ago 2014.

PENSAMENTOS (Cora Coralina , Frida Kahlo , Cecília Meireles , Hypatia de Alexandria, Hanna Arendt , Angela Davis, Simone de Beauvoir) <https://www.pensador.com> .Acesso em 01 nov 2018

POLYDORO, S. A., Primi, R., Serpa, M. D., Zaroni, M. M., & Pombal, K. C. (2001). Desenvolvimento de uma Escala de Integração ao Ensino Superior. PsicoUSF, 6(1), 11-17. doi: 10.1590/S1413-82712001000100003.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. 2004. ed. Sao Paulo: Editora Contexto, 2004. 571 p.

PRIORE, Mary Del. História do Cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.

Revista Isto É, edição nº 2550 01/11, de 07 mar 2014, intitulada “Os novos 50 anos” :https://istoe.com.br/351249_OS+NOVOS+50+ANOS/ Acesso em 15 set 2015

RODRIGUES, Lucia di Primo. O Lugar Da Escola Na Contemporaneidade. 2010. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Ufrgs, Porto Alegre, 2010. Cap. 5. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/inicial>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da Educação. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2001.

ROSEMBERG, F. A Educação de mulheres Jovens e Adultas no Brasil .Rio de Janeiro :Rosa dos Tempos , Nipas ; Brasília : UNICEF, 1994, p.27-62

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acessado em: 5/11/2015.

SANTOS, S. C. & Knijnik, J. D. (2006). Motivos de adesão à prática de atividade física na vida adulta intermediária. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 5(1), 23-34.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. O PENSAR EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE: Para uma Pedagogia de mudanças. 2003. 21 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Unioeste/cascavel/pr., Cascavel, 2003. Disponível em: <<https://www5.unioeste.br/portal/cascavel/inicio>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SOCIOLOGIA: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-sociologia/> Acesso em: 13 ago. 2018

TAVARES, Anne. Adultos Maduros E Idosos Na Escola. 2013. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Ufrgs, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/inicial>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

TAVARES, Dirce Encarnación. A Presença Do Aluno Idoso No Currículo Da Universidade Contemporânea. 2008. 297 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Currículo, Puc/sp, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.pucsp.br/graduacao?gclid=CjwKCAiAz7TfBRAKEiwAz8fKONswl8aS49kQt-8SaXsGKgPluOy3qv--hpPdDY6hKw4w1SQXwHzsaRoCrSwQAvD_BwE>. Acesso em: 13 ago. 2018.

TEIXEIRA, Ana Cristina. Avaliações Psicossociais De Adultos Na Meia-Idade. 2006. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Cnpq, Ufam, Amazonas, 2006. Disponível em: <<https://ufam.edu.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

VEIGA-NETO, A. (2000). As idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades... *In*: Azevedo, J.C. *et al.* (Orgs). *Utopia e democracia na educação cidadã*, 215-234. Porto Alegre (RS): Editora da UFRGS/Secretaria Municipal da Educação.

YIN, R. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. para maior esclarecimento sobre análise de conteúdo ou discurso <http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar da pesquisa basta preencher os seus dados e assinar esse Termo de Consentimento. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com a responsável pela pesquisa.

Eu, _____, residente e domiciliada _____, nascida em ____/____/_____, concordo de livre e espontânea vontade em participar, como voluntária, da pesquisa **“Mulheres de meia-idade no Curso de Pedagogia da UFRGS .”** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente de que:

1º - Foram explicadas as justificativas e os objetivos da pesquisa.

O presente estudo tem como objetivo compreender a educação e o que acontece na Universidade, no município de Porto Alegre/RS.

2º - Foram explicados os procedimentos que serão utilizados.

Entendi que se concordar em fazer parte deste estudo terei que participar de uma entrevista semiestruturada, individual, que contém um roteiro com perguntas abertas. Essa entrevista levará cerca de 20 minutos para ser finalizada e será realizada na Universidade ou onde o entrevistado preferir, evitando constrangimento e exposição desnecessária dos indivíduos participantes do estudo. Estou ciente de que a transcrição da fala gravada será colocada e transferida para um texto em computador e que os pesquisadores envolvidos nesse estudo conhecerão os conteúdos, tal como foi falado, para discutir os resultados. Ficou claro que poderei ser recontatado (se concordar) para revisar a gravação. As gravações, com as entrevistas, ficarão armazenadas em um *pendrive* específico por um período de cinco anos e depois serão destruídas (gravações serão deletadas do *pendrive*). O material textual das entrevistas só será utilizado para este estudo, não sendo usado em estudos futuros.

3º - Foram descritos os benefícios que poderão ser obtidos.

A partir desta pesquisa, será possível compreender a educação e as questões de marcadores ou indicadores étnico-raciais e de gênero.

4º - Nesta pesquisa, o tempo da entrevista poderá causar algum incômodo. Se me sentir incomodado ou desconfortável com a entrevista, posso parar de responder às perguntas a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo para mim. Também me foi explicado que, para proteger minha identificação, os dados originais da pesquisa serão utilizados somente pelos pesquisadores envolvidos no estudo, sempre garantindo a privacidade e o anonimato.

5º - Foi dada a garantia de poder optar por aceitar ou não o convite para participar da pesquisa, recebendo resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a possíveis dúvidas acerca dos procedimentos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.

Caso você tenha novas perguntas, ou se pensar que houve algum prejuízo pela sua participação nesse estudo, pode conversar com o professor Paulo Albuquerque (orientador responsável) no telefone 0XX (51) 992522377, endereço Rua Paulo Gama S/N, prédio 12, Faculdade de Educação UFRGS, endereço eletrônico albuquerque.paulo@gmail.com ou com a estudante de Graduação Miriam Luci Kramer de Macedo, no telefone 0XX (51)994595257, endereço Rua Dona Augusta, nº 665, Porto Alegre/RS, endereço eletrônico miriamlkmacedo@gmail.com.

Desse modo, acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito do que li ou do que leram para mim, descrevendo o estudo. Eu discuti com os pesquisadores sobre a minha decisão de participar do estudo. Ficaram claros para mim quais os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes em qualquer etapa da pesquisa. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. A minha assinatura neste Consentimento Livre e Esclarecido dará autorização aos pesquisadores de utilizar os dados obtidos quando se fizer necessário, incluindo a divulgação dos mesmos, sempre preservando minha privacidade.

Porto Alegre, ___/___/___

Assinatura do voluntário

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO PARA TCC – SOBRE MULHERES DE MEIA-IDADE NA UNIVERSIDADE.

Aluna: Miriam Luci Kramer de Macedo
Orientador: Paulo Peixoto Albuquerque
Curso : Pedagogia-UFRGS

Nome:	
Codiname da pesquisa:	
Idade:	Estado Civil:
Natural de:	
Raça/Etnia:	
Tem filhos:	Quantos:
Endereço:	
Email:	
Telefone:	
Concluiu o ensino médio em escola: () pública () privada	
Curso normal:	EJA:
Em que ano entrou na Universidade:	
Modalidade: () Universal () Cota () Transferência de outra Universidade	
Qual Universidade?	
Do ensino médio até a Universidade quantos anos você ficou sem estudar?	
Em que semestre você está?	
Por que você voltou a estudar?	
Como você se sentiu em sala de aula?	
Como você vê seus colegas?	
Como você acha que seus colegas lhe veem?	
Como você vê seus professores?	
Como você acha que seus professores lhe veem ?	
O que você mais gosta na Universidade?	
O que você menos gosta na Universidade?	
Como você gostaria que fosse a Universidade?	

APÊNCIDE C

MEMÓRIAL VIDA DE ESTUDANTE

"Um dia, numa rua da cidade
 Eu vi um velhinho
 Sentado na calçada
 Com uma cuia de esmola
 E uma viola na mão
 O povo parou para ouvir
 Ele agradeceu as moedas
 E cantou essa música
 Que contava uma história
 Que era mais ou menos assim:"

Eu nasci!
Há 51 anos atrás
 E não tem nada nesse mundo
 Que eu não saiba demais..

(Raul Seixas)

Meu nome é Miriam Luci Kramer de Macedo. Nasci em Porto Alegre-RS no dia 01 de julho de 1963, à 01h15min de uma segunda-feira chuvosa, há 51 anos.

Meu nome foi minha mãe quem deu. Havia uma novela que ela ouvia na rádio chamada Direito de Nascer e o nome da mocinha era Miriam. Com minha mãe, fizemos a árvore genealógica da família. Aproveitei, pois ela é a única pessoa viva da família que tem ótima memória para falar sobre a nossa família. Que memória ela tem. A minha é boa mais a dela é 100%.

Conforme relato de meu Pai e de minha madrinha Vilma (irmã de meu pai), houve uma grande enchente nessa data. Nasci de parto normal pesando, 2,800kg e 52 cm no Hospital Santa Casa de Misericórdia. Meu Pai Valdevino Alberto Pereira de Macedo tinha 28 anos de idade e minha Mãe Valdemira Kramer de Macedo 23 anos quando resolveram se casar. A experiência que eles tinham com crianças era de cuidar dos irmãos mais novos. Os dois vieram do interior do estado, da cidade de Bom Jesus, na serra gaúcha. Eles são primos-irmãos, as duas avós são irmãs. A família tem uma descendência misturada entre Índios nativos, portugueses judeus, alemães, espanhóis e negros.

Os Índios já estavam aqui o resto veio da Europa um pouco antes das guerras que ocorreram na Europa. Vieram trabalhar no Brasil e se misturaram. Surgiu uma mistura de raças que ficou bonita. Casavam entre si primos-irmãos para não dividirem os bens e porque não existia muita gente naquela época.

Quando eu nasci, meus pais tinham medo que eu tivesse algum problema consanguíneo, mas nasci perfeita graças a Deus, pois naquela época não existiam exames pra comprovar qualquer problema. Tinha que deixar nascer.

Na minha família toda houve apenas três casos de crianças com alguma deficiência física e mental conforme relato da minha mãe.

Meu pai veio primeiro para Porto Alegre para trabalhar e minha mãe se mudou

de Bom Jesus para a cidade de Vacaria. Eles eram noivos e se correspondiam por cartas. Minha mãe era professora rural dava aula até à quinta série, todas as turmas numa mesma sala. Morava com seus irmãos e com seus pais num distrito de Vacaria, chamado Passo do Viana, em um sítio.

Em 1962 no dia 14 de julho, resolveram se casar com uma grande festa no sítio dos meus avós maternos. A cerimônia religiosa foi na Igreja Matriz de Vacaria chamada Nossa Senhora de Fátima. No outro dia, pela manhã, vieram para Porto Alegre no ônibus que levou os amigos e parentes de Porto Alegre até Vacaria. Meu pai alugou uma casa na Rua Dona Amélia, no bairro Menino Deus, que ficava às margens do Rio Guaíba. No ano seguinte, eu nasci, 11 meses depois, nasceu meu irmão Mauro Luis (50 anos) 3 anos depois, meu irmão Marcio Levi (47 anos), 8 anos depois, minha irmã Marla Leila (44 anos).

Depois do casamento, meu pai não quis que minha mãe continuasse a dar aulas. Ela tinha conseguido uma vaga para lecionar na Ilha da Pintada, meu pai achou longe e perigoso e não a deixou pegar o emprego. Ela teria muito que fazer: cuidar dele, da casa e dos filhos que iriam vir. Na minha opinião, depois de grande, achei isso um machismo, mas os tempos eram outros. Ele dizia que era homem suficiente para sustentar uma casa e a família e assim foi. Fomos crescendo, eu e meus irmãos, com um pouco de dificuldade é claro, mas nunca faltou comida, teto, roupas e estudo, mas o importante era o amor e a educação. Meus pais sempre foram rígidos e autoritários.

Quando eu tinha 5 anos, nos mudamos para a Rua Dona Augusta, no mesmo bairro. Meu pai conseguiu comprar uma casa para não pagar mais aluguel. Trabalhava dia e noite, a casa era de madeira, mas o pátio era grande. Nos fundos da casa havia uma sanga que mais parecia um riacho. Dava até para tomar banho, mas depois os vizinhos colocaram os esgotos nela e aí ficou horrível. Depois de um tempo a prefeitura canalizou a sanga.

Eu tinha muitos amigos e todos nós ficávamos até às 18h brincando na rua de polícia e ladrão, bolita, figurinha, soltando pandorga, taco, amarelinha etc. Quando meu pai chegava do serviço, eu e meus irmãos já tínhamos que estar de banho tomado esperando-o para jantar. Não tínhamos televisão só rádio.

A televisão meu pai comprou quando eu já tinha 8 anos e era preto e branco. Eu ajudava a minha mãe nos afazeres da casa e cuidava dos meus irmãos mais novos. Eu não via a hora de ir para a Escola.

O primeiro contato com as letras e números foi minha mãe quem me propiciou. Aos 7 anos entrei para o Jardim de Infância. Minha professora Dona Irma ainda é viva, e ainda mora perto da minha casa. Ela adorava o que fazia e tratava a todos nós em sala de aula com muito amor e carinho embora, muitas vezes era exigente e severa, mas sempre na medida certa. O Jardim ficava em uma casa de alvenaria pintada de amarelo claro e de dois andares que pertencia ao Grupo Escolar Euclides da Cunha, que tinha sua sede provisória na Rua Silveiro, onde hoje se encontra um estacionamento para carros.

Hoje essa escola está situada na Rua Barão do Cerro Largo, 385, onde antes ficava o antigo Jardim de Infância. Com a professora Irma aprendemos muitas coisas, higiene pessoal, companheirismo nas brincadeiras, além de brincarmos muito e de cantarmos as músicas de roda que eram típicas da época. Já conhecendo as letras e os números básicos e sabendo escrever meu nome passei para a 1ª série, muito feliz e triste ao mesmo tempo, conheci então minha nova professora. Ela se chamava Dona Zilda, era mais nova que a professora Irma mas tinha o mesmo carisma. Com ela aprendi a juntar as letras para formar as palavras, a

ler, a contar até 50 e usar a criatividade para fazer desenhos que eu achava o máximo.

Lembro-me de uma prova em que tinha que colocar os nomes nos objetos. De um deles eu não me lembrava, fiquei nervosa e coleí do meu colega a palavra. Ela viu, fiquei mais nervosa ainda, pensei que iria tirar zero na prova, mas ela só descontou a palavra que copieí. A palavra era “bule”. Quando ela me entregou a prova disse para eu estudar e que, quando a gente não sabe algo, deixa em branco.

No ano seguinte, passei para a 2ª série minha professora se chamava Dona Rita. Ela tinha 7 filhos e eu ficava espantada pensando como ela, com tantos filhos, ainda tinha tempo para nos dar aula. Com ela aprendi as primeiras contas de somar e diminuir com mais de 2 algarismos. Eu era muito boa em fazer contas, dificilmente errava uma.

Minha mãe também não dava trégua. Antes de brincar, tínhamos que fazer os temas, e ela nos tomava a tabuada. Já em português eu era mais ou menos, trocava o “p” pelo “b” e palavras com “x” pelo “ch”, aos poucos fui aprendendo.

Passei de ano e fui para a 3ª série. Minha professora se chamava Dona Rosa, uma senhora com mais idade do que as demais. Era formada em Português, e muito severa em sala de aula. Ela não admitia conversas paralelas em aula e eu era muito tagarela. Quando mandava nós calarmos a boca dizia em francês “Ferme ta bouche” não sei se é assim que se escreve, mas queria dizer fechem a boca. Com ela as provas eram orais, principalmente a tabuada. Estávamos aprendendo a multiplicar e a dividir e, quando havia as tais provas, todos ficavam muito nervosos. Mas com a ajuda de minha mãe, eu sempre ia bem nas provas de matemática.

Eu adorava os números muito mais que as letras. Tudo o que eu aprendia em aula, passava para meus irmãos. Nós brincávamos de aulinha em casa. Minha professora embora severa, às vezes ria um riso solto de alguma pergunta um pouco mais complicada, era carinhosa quando queria ser, às vezes, até nos surpreendia em aula. Foi um ano tranquilo, passei para a 4ª série. Minha professora Dona Neiva era meio estranha. Já nos primeiros dias de aula, enquanto ficávamos em fila para entrar na sala se não parávamos quietos, ela nos dava beliscões. Aquilo me deixava muito chateada e eu contei para minha mãe que, junto com as outras mães, foram até a escola, para saber o porquê dessa atitude. Foi um ano um pouco conturbado.

Fora esse incidente, aprendemos muito, ela era uma boa professora só tinha essa mania. Mas cada um com a sua mania, né? Após esse fato, as mães se juntaram e fundaram o clube de mães da escola. Assim elas podiam estar mais perto dos filhos e tentar da melhor forma resolver esses pequenos contratemplos.

A professora Neiva prometeu às mães que não daria mais beliscões e que quando o aluno estivesse perturbando sua aula, iria mandá-lo para a secretária para assinar o “livro de Ouro”. Ai! Que medo à gente tinha do tal livro.

Passei de ano e fui para 5ª. A professora Magda era muito divertida. Num dia em que a turma estava na maior algazarra, ela deu um assobio tão forte que todos pararam de repente. Começamos a rir, e ela também. Avisou que, quando ela não conseguisse dar aula, sempre chamaria nossa atenção com assobios, e a turma voltava a ficar em silêncio. Ela era formada em Ciências e Matemática, e com ela aprendemos muitas coisas importantes e interessantes sobre a natureza.

Na 6ª série, a professora se chamava Jussara. Ela se formou em Matemática e Ciências e nós adorávamos o jeito dela. Até hoje a encontro na rua e vou logo lhe beijar e abraçar. Ela deu aula para todos os meus irmãos. Ela era muito vaidosa, andava sempre bem pintada e cheirosa e sempre revisava nossos cabelos, para ver se não tínhamos piolho. Embora a Matemática em minha vida fosse aos poucos se

complicando, eu gostava dos problemas para resolver, e em casa eu alfabetizava meus irmãos. O Marcio entrou com 6 anos na 1ª série. Ele já conhecia as letras e os números. Minha irmã mais nova também foi minha aluna.

Quando cheguei à 7ª série, as coisas ficaram um pouco complicadas. Tínhamos várias matérias e também vários professores. Mas uma professora marcou toda a turma, a professora de Matemática. O nome dela era Vanda, nós a chamávamos de “calculadora ambulante”, para nós ela era um gênio da Matemática. Ela dava a matéria no quadro, explicava alguns exercícios, como, se fazia e de tema dava uma folha mimeografada com 100 exercícios. No início até nossos pais ficaram preocupados com, tanto tema. Mas ela, no dia da entrega dos boletins explicou e tirou todas as dúvidas tanto dos alunos quanto dos pais. Ela era Mineira, de Belo Horizonte, muito alegre e divertida, mas era exigente. Ela dizia que, para aprender Matemática tínhamos que exercitar. A cada 3 meses precisávamos comprar caderno novo, só para Matemática. Tínhamos 2 cadernos, 1 para a aula e o outro para o tema de casa. A cada dois dias tínhamos aula de Matemática, nas terças e quintas-feiras. Ela recolhia os cadernos, levava para casa, para corrigir e ver as dificuldades. Em aula ela corrigia os 100 exercícios de tema, e com tanta rapidez que às vezes nos deixava meio zonzos. Quando dizíamos que alguns exercícios não tínhamos conseguido fazer, ela explicava calmamente. Ela sempre escrevia um bilhete para nós, abaixo da estrelinha que ela colocava no caderno, palavras como: Parabéns; Estude mais; Precisa melhorar; Cuidado com os sinais etc...

Encantei-me com a Matemática e decidi que, quando fosse maior seria professora de Matemática. Nós tínhamos muitas matérias para estudar, como: Língua Portuguesa (Prof.^a Argentina), Educação Física (Prof.^a Leila), Educação Plástica (Prof.^a Marilene), Educação Musical (Prof.^a Estanislava), Geografia (Prof.^a Lara), História (Prof.^a Ilca), Educação Moral e Cívica, O.S.P.B (Foram retiradas do currículo depois, mas nós estávamos em plena ditadura), Ciências Físicas e Biológicas (Prof.^a Magda), Matemática (Prof.^a Jussara), Inglês (Prof.^a Maria Antonia), Técnicas Agrícolas, Técnicas Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Domésticas e Ensino Religioso (Prof.^a Vanda) e assim foi até a 8ª série e as professoras eram as mesmas.

Muitas dessas disciplinas não existem mais no currículo escolar. Terminei meu 1º Grau sem formatura, fizemos uma festinha simbólica, e cada aluno escolheu sua escola de 2º Grau. Eu escolhi o Colégio Júlio de Castilhos. Meus pais queriam que eu estudasse nas escolas perto de casa, para que não houvesse gasto com passagem de ônibus. Nada contra as Escola Presidente Roosevelt e Infante Dom Henrique, mas eu teimei.

Eu dizia que o ensino no Julinho era de qualidade, mas o medo deles é que este era considerado uma escola subversiva, (nos estávamos na ditadura). Eu não me importei com isto e insisti até eles deixarem, e lá fui eu bem feliz cheia de ideias e perguntas.

Eu estudava no turno da tarde. Isso foi no ano de 1978, estava com 15 anos. Além da escola, eu fazia parte do grupo de jovens da Igreja Menino Deus. O nosso padre era um homem muito preocupado com os jovens, chamava Padre Tarcisio de Nadal. Sempre fazia conosco várias palestras e debates sobre o mundo em que vivíamos, os mais velhos da paróquia diziam que ele era Comunista.

O CLJ (Curso de Liderança Juvenil) mantinha os jovens daquela época dentro da Igreja, onde podíamos ser orientados, e de certa forma vigiados. Os pais ficavam tranquilos quando estávamos na igreja, e eu adorava a turma, era muito grande e de várias idades.

O primeiro ano de escola eu adorei. Tínhamos muitos professores e muita matéria para estudar e centenas de colegas. Passei de ano, e, no ano seguinte muitas coisas mudaram na minha vida. Entrei para o grêmio estudantil da escola, e quando havia passeata, lá estávamos nós dando apoio. Era uma época revolucionária em que o povo já estava cansado de tantas proibições, pois tudo tinha que passar pela censura, e queríamos liberdade de expressão, o mundo também estava mudando.

Hoje, eu sei que meus pais tinham medo, nós ouvíamos falar de muita gente que saía do país e ia morar em outro lugar e outros simplesmente desapareciam. Mas minha intenção não era ser revolucionária, mas eu era.

Eu só queria ter liberdade de ir e vir. Na época eu namorava um rapaz que se chamava Chico, era músico, e estava servindo o exército, mas não trabalhava. E ser músico não trazia futuro, assim diziam meus pais. Namoramos algum tempo, depois acabamos o namoro, fiquei triste, mas, com o passar do tempo eu fiz muitas amizades até mesmo umas amizades coloridas (namoro sem compromisso) hoje os jovens chamam de ficar.

Entre para os esportes. Participava de competições, corridas de 100 metros, salto em altura, lançamento de peso e handebol. Fui enchendo meu tempo com coisas saudáveis. Nesse mesmo ano sofri um acidente, quase fiquei paraplégica, e não pude mais praticar esportes, rodei em Inglês, tive que repetir o 2º ano.

Sempre pensei em ser professora queria estudar e fazer faculdade. Eu era apaixonada por Filosofia. Fiquei traumatizada com o Inglês, faltou um décimo e a professora não me deu, não teve choro nem vela, ela foi radical mesmo sabendo do ocorrido. Larguei a Igreja após ter me doado por 4 anos e o nosso padre também foi transferido para outra paróquia. Não gostei dessa mudança, o padre substituto era do lado conservador. Na realidade acabou afastando os jovens da Igreja. Estava com 16 anos para 17, não desisti de estudar, meus pais achavam que eu devia trabalhar meio turno.

Continuei ajudando meu pai na serralheria. Lá em casa todos ajudavam meu pai. Minha mãe fazia os orçamentos e comprava material, e eu e meus irmãos ajudávamos nas finalizações das portas e grades que ele confeccionava, lixávamos, pintávamos e fazíamos outros trabalhos os quais ele sabia que não iríamos nos machucar.

Desde cedo aprendemos muita matemática na prática, bitola de barras de ferro (polegadas), metragem para confeccionar as grades de janelas, todas elas enfeitadas com muita simetria usando formas geométricas. Meu pai era um artesão do ferro, estudou somente até à 5ª série, mas sabia fazer cálculos de engenharia usando somente a matemática básica, que aprendeu com meu avô que tinha uma bodega (armazém da zona rural), onde ele vendia de tudo.

Usavam também medidas que hoje não utilizamos mais como “arroba” e “pés” e outras. Na realidade o gosto por números está no sangue, o que para mim é genético. Na minha família todos são bons em matemática.

Passei de ano, tive que estudar o dobro Inglês. Não podia e não queria repetir o ano. No 3º ano, além das matérias ditas normais, tivemos mais algumas que eram necessárias para completar o curso de Auxiliar de Patologia Clínica que exigia muita Química e Biologia, mas mesmo assim resolvi trabalhar de dia e estudar a noite. Meus pais não queriam, então arrumei um estágio de meio turno na PROCERGS.

Minha função era separar os relatórios, com os nomes dos professores para a Secretaria de Educação, de todo o estado do Rio Grande do Sul. Lá estava eu ligada de certa forma aos professores. Depois do estágio, resolvi arrumar um emprego de

carteira assinada e fiz minha mãe ir ao colégio assinar para eu mudar de turno. Finalmente eu iria estudar à noite. Meu primeiro emprego foi de auxiliar de crediário numa loja de roupas masculinas, que não existe mais, se chamava Comercial Louro, na esquina da Praça Otavio Rocha, no centro de Porto Alegre.

Eu também ajudava em casa, com meu pequeno salário, mas dava para comprar algumas roupas e calçados também. Nesse ano, 1981 conheci o Amor de verdade. Um rapaz muito inteligente chamado Ricardo, tinha um ano a mais do que eu, e nós estávamos apaixonados. Fazíamos milhões de planos e nos divertíamos muito, aos finais de semana, acampávamos em vários lugares, passeávamos nos parques Redenção, Marinha do Brasil e principalmente o Jardim Botânico, o bairro onde ele morava. Estudávamos juntos para as provas, ele era bom em Biologia e Química, e eu modéstia parte em Matemática.

Tínhamos uma professora de Biologia chamada Bulhões que sempre dizia, quando nos via juntos, que iríamos ser professores de Biologia e Matemática. E nós sonhávamos com isto e muitas outras coisas, e eu queria ser professora, mas também queria ser Farmacêutica por causa do curso que estava fazendo. Tínhamos muitas disciplinas para estudar e o ano passava rápido, era muita matéria Língua Portuguesa; Literatura Brasileira; Educação Artística; Língua Inglesa; Educação Física; História; Matemática; Física; Ensino Religioso; Biologia Geral; Geografia; Educação Moral e Cívica; OSPB; além das matérias chamadas profissionalizantes como: Programa de Saúde; Química; Bioquímica; Biologia Celular; Hematologia e Parasitologia. Pensei que iria arrumar um emprego na área da saúde mas nunca consegui nada nesta área. Terminado o 2º grau novamente, não fizemos formatura, comemoramos tomando um garrafão de vinho na Festa da Faculdade de Farmácia da UFRGS.

Continuei trabalhando, e à noite fazia cursinho pré-vestibular no MAUÁ, para me preparar para o vestibular de janeiro de 1983, me escrevi na 1ª opção coloquei Farmácia e na 2ª opção coloquei Matemática. Não passei e temporariamente resolvi dar um tempo para os estudos.

Meu namorado entrou para o exército no CPOR, queria seguir a carreira militar, e eu arrumei um emprego melhor. Fui contratada pelo Banco BRADESCO para ser recepcionista, como Moça Bradesco, toda de vermelho mais parecia uma mamãe NOEL. Nesta área eu tinha possibilidades, de fazer carreira como bancaria, pois era considerada uma carreira promissora e se ganhava bem. Eu estava adorando trabalhar só 6 horas, de segunda a sexta, e o salário era muito compensador, eu podia comprar tudo àquilo que eu tinha vontade.

No ano de 1984, tentei novamente o vestibular da UFRGS. Desta vez coloquei Matemática como 1ª opção, era uma faculdade bem concorrida chegava a ter 5 pessoas por vaga, e novamente eu não passei. Como eu já tinha condições de pagar uma faculdade, no meio do ano, em Julho tentei o vestibular da PUC e passei para o curso de Licenciatura em Ciências e Matemática. Minha vida estava mudando e aos poucos os sonhos iam se realizando.

Meu namorado foi para Cruz Alta/RS fazer um estágio. No Quartel ele já era 1º Tenente da Infantaria. Nós namorávamos por carta, não tínhamos telefone e as cartas eram diárias.

O rapaz do correio, que entregava as cartas, dizia: isso ainda vai dar em casamento. Eu estava feliz. O trabalho estava ótimo, fui promovida a Caixa iria ganhar o dobro, e a faculdade era tudo aquilo que eu queria, e imaginava, no amor, embora à distância, tínhamos certeza de que queríamos ficar juntos. Só que no ano seguinte as nossas vidas foram tomando novos rumos, ele desistiu do quartel, e a

família dele ficou meio revoltada, talvez achando que a mudança de rumo se devia a mim. A única coisa que eu queria era que ele fosse feliz e fizesse aquilo que gostava. Ele havia resolvido fazer faculdade de Biologia para ser professor. Eu consegui um emprego para ele no mesmo banco, trabalhamos juntos durante um ano, depois ele teve que se dedicar somente à faculdade, porque havia várias cadeiras em horários e lugares diversos e não tinha como conciliar e, aos poucos fomos nos distanciando, éramos muito ciumentos um com o outro. Eu não gostava de suas colegas de faculdade, e ele não gostava dos meus colegas, e acabamos brigando por ciúmes besta, e cada um seguiu seu rumo. Ficamos ótimos amigos e até hoje sempre ficamos sabendo um do outro, o que andamos fazendo.

No ano de 1986, em uma festa do Banco conheci meu marido. Ele também trabalhava na mesma agência o nome dele era Luis, não gostava de estudar, mas nunca fez nenhuma objeção aos meus estudos. Ele era extremamente compreensivo e muito carinhoso, dificilmente brigávamos, éramos muito amigos. Em um ano e meio namorei, noivei, casei e tive meu primeiro filho em 1987.

Minha vida mudou radicalmente, meu filho Anderson nasceu prematuro de 6 meses, cuidados especiais, nasceu com 1 kg e 49 cm e ficou na incubadora até atingir peso, 2 meses e 20 dias. Tranquei a faculdade, meu filho agora era minha primeira prioridade, continuei trabalhando, cuidando da casa, do marido e do filho. De certa forma o que aconteceu com minha mãe, que gostava de estudar, se repetiu comigo, só que em outros tempos.

Na minha profissão, a Matemática era essencial, não podia errar se desse diferença no caixa quem pagava era eu. Todo novo funcionário que entrava na função de caixa passava 1 semana comigo, era eu quem ensinava. Eu era a professora do dinheiro, fui convidada a dar aula na CENTREFOR (Centro Profissional do Bradesco). Não pude aceitar, não estava mais fazendo faculdade. Foi muita frustração, mas me promoveram a chefe de seção, eu era responsável pelo cadastro.

Em 1988, eu saí do banco. Era o início da tecnologia dos caixas eletrônicos e os bancos demitiram uma quantidade enorme de funcionários. Fiquei um ano em casa dando aula particular. Eu morava no Bairro Humaitá, na zona Norte, com muitos blocos de edifícios e muitas crianças em fase escolar com dificuldades em matemática, biologia, física e química de primeiro grau. Além disso, eu fazia artesanato e festas infantis, pois eu nunca gostei de depender do meu marido.

Em 1989, arrumei um emprego numa fábrica de Balanças (SATURNO) em Canoas, eu era secretária de vendas e da assistência técnica. Burocraticamente lidava com os números, em forma de gráficos. Tecnologias novas estavam surgindo. A empresa estava saindo das balanças mecânicas para as balanças eletrônicas.

No ano de 1990 pedi licença, pois novamente teria uma gravidez de risco. Fiquei em casa até minha filha nascer. Fiz cesárea, mas ela nasceu no tempo certo com 2,800kg e 52 cm. Dei o nome de Thuane. Esperei que ela completasse 6 meses e levei-a juntamente com o Anderson para uma creche perto do meu serviço, assim eles iriam conviver com outras crianças, aprender coisas novas, brincar e se socializar. Eu precisava trabalhar não tinha como ficar com eles em casa, meu marido estava desempregado.

O nome da creche se chamava Pedacinho do Céu. Como a área que eu trabalhava era totalmente voltada para o setor administrativo, resolvi fazer vestibular para Administração Comercial e Exterior, na 2ª opção coloquei Pedagogia na UNISINOS. Passei no vestibular, e feliz fui até a PUC buscar meu currículo. Chegando lá me convenceram que eu podia terminar meu curso de Ciências e

Matemática e eu voltei.

Pensei que agora não iria desistir, e que finalmente, me formaria. Cursei mais 3 semestres e, em 1999, meu casamento começou a entrar em crise. Tentei de tudo para continuar estudando, bolsa de estudo, crédito educativo, dinheiro emprestado, mas novamente tive que parar os estudos. Eu não tinha mais dinheiro para pagar o curso. Eu estava muito feliz com os projetos que eu participava, fiz um intercâmbio da Secretaria de Educação de Cachoeirinha lecionei em escola do Município num total de 30 horas-aula. Adorava cada vez mais, eu tinha certeza de que eu queria ser professora. Além disso, fazia alguns cursos extras como Inglês e Latim. Embora tenha me assustado muito repetir 2 semestre seguido à cadeira de Lógica da Matemática, e eu não entendia esta matéria. Hoje em dia a utilizo nas planilhas do Excel, a vida da gente é muito hilária às vezes.

Em 2000 decidi tomar uma atitude drástica, separei-me de meu marido pedi o divórcio, peguei meus dois filhos e, com R\$ 500,00 no bolso e sem emprego, fui morar em Florianópolis /SC. Mesmo sob protesto de toda a família e amigos. Claro que depois que eu decidi mesmo a mudar de Estado, a minha família me ajudou bastante. Arrumei lugar para morar com ajuda de alguns conhecidos, escola para as crianças, e um emprego de meio turno num hotel como camareira. Não foi difícil nossa adaptação, porque fizemos amizade com os nativos da ilha, e eu morava na Lagoa da Conceição, e lá vivi até voltar depois de 5 anos para Porto Alegre. Trabalhei em vários lugares e em várias profissões, bem interessantes, pois, depois do hotel trabalhei numa lojinha de linhas e lãs como balconista. Saí de lá depois de 6 meses, fui trabalhar como caixa de supermercado, depois fui auxiliar de cozinha de um restaurante e minha última função foi balconista de uma padaria.

O Anderson terminou o ensino médio em Florianópolis, lá era por ciclos. Ele resolveu voltar para Porto Alegre para fazer o vestibular, fiquei eu e a Thuane.

Em 2002 resolvi fazer o vestibular da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina)- Licenciatura em Artes e passei. Na época da matrícula ,a PUC não conseguiu liberar a tempo meu currículo, e eu perdi a data para inscrição e novamente o sonho de voltar a estudar ficou para trás. Fiz uma promessa para mim mesma. Só voltaria a estudar depois que meus filhos terminassem o 2º grau, ou seja, o ensino médio e fossem maiores de idade. E assim eu fiz.

Em 2005, de volta a Porto Alegre fui morar com meus pais no bairro em que nasci. Fiquei trabalhando com minha irmã mais nova que tem uma empresa de revenda de informática, continuei fazendo artesanato e arrumei outros empregos de meio turno para ajudar nas despesas. À noite eu trabalhava na Contax (NET) *Call Center*, e pela manhã, em uma padaria, à tarde na Krasian (Informática) e nos finais de semana, quando estava de folga, fazia artesanato. Depois larguei a Contax, e fiquei somente com a Padaria Gabryellen e a Krasian. Com a doença do meu Pai, parei de trabalhar para cuidar dele, e para me manter, fazia artesanato. Ele teve Câncer no estômago e junto vieram as pontes de safena. Minha mãe andava doente também. Meu pai não queria ninguém estranho para cuidar dele. Meus irmãos ajudavam, mais o dia a dia era comigo, pois sempre um acaba assumindo mais que os outros. Acho que é assim em quase todas as famílias.

Em 2011, meu filho passou no vestibular em Engenharia Metalúrgica, na UFRGS. Ele estava fazendo o curso técnico de mecânica no Colégio Parobé. Minha filha também terminou o ensino médio na Escola Presidente Roosevelt. Tenho muito orgulho de meus filhos, pois mesmo com muitas dificuldades eles conseguiram continuar estudando e eu ali sempre ao lado deles e como mãe cobrando sempre.

Em 2011, eu minha filha e minha irmã resolvemos as três voltar a estudar.

Elas se inscreveram para cursos técnicos na Escola Protásio Alves e eu para o curso de Magistério aqui no Instituto de Educação, em POA/RS. Achei mais sensato começar pelo início, e fiz AE Aproveitamento de Estudos. Fiz as didáticas de todas as disciplinas, o que era essencial. Pensando e refletindo sobre os caminhos que trilhei tudo o que aprendi no decorrer da minha vida me serviu como um ótimo aliado em todos esses anos. Cursei o magistério para séries iniciais e me formei em julho de 2013.

Com o projeto do meu Estágio de 6 meses e representando o Instituto de Educação participei do MPE como escola convidada. Esta participação foi um marco. Era a primeira vez que o Curso de Magistério participava de uma mostra que só levava em consideração as Escolas Técnicas. Foi muito gratificante. Em agosto desse mesmo ano fiz o concurso público do magistério estadual e passei. Estou aguardando ser chamada.

Em janeiro 2014, fiz o vestibular na UFRGS para Pedagogia e passei. Virei Bixo! Pulei de alegria, ganhei até uma faixa dos meus filhos e de meus pais. Que chique! Muitas pessoas ficaram felizes por mim. Hilário o que eu vou contar. No penúltimo dia do vestibular meu companheiro chamado Peixoto teve um infarto. Eu fui fazer as provas preocupada com ele. Sai da escola onde eu estava fazendo o vestibular, e fui direto para o hospital. Ele teve que colocar stencil, e a recuperação seria demorada. Mas mesmo assim fui até o final, podia ter ido melhor mas como diz meu pai “Era o que se tinha para o momento”. O que importa hoje é que passei, e estou aqui para mais uma caminhada na minha vida. O mais importante de tudo é que eu não desisti dos meus sonhos.

Sei que terei algumas dificuldades, mas também terei sabedoria para poder administrar as situações que forem aparecendo no decorrer do curso. Quero ser uma professora formadora de opiniões, será um enorme desafio e pretendo superar nessa caminhada com ações. Desejo muito poder fazer todo o curso até o final e vou batalhar para isto, pois quero continuar me aprimorando e, se possível, fazer muitos cursos na minha área, para ter competência pedagógica para atuar junto aos alunos a família e à sociedade.

Durante esse semestre aqui na FACED, estou conhecendo os colegas. Todos muito inteligentes e cada um com seu estilo de vida e suas particularidades. Gostei de todos os professores. Estão aqui para transmitir conhecimento como facilitadores numa troca simultânea de aprender e ensinar. No decorrer do curso, terei muitas coisas para contar. No momento, estou apenas absorvendo tudo a minha volta. E estou adorando e terei muitas outras histórias para contar, até mais...

A saga continua!

Que a Força esteja com você. (Yoda - *Star Wars*)